

DOM WASHINGTON CRUZ, CP  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

# Ano Vocacional Arquidiocesano

**29/10/2010 a 29/10/11**

*“Chamei-te pelo nome:  
tu és meu”*

**Carta Pastoral**

Goiânia-GO



**DOM WASHINGTON CRUZ,  
por mercê de Deus e da Sé Apostólica,  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA,**

por ocasião dos cento e cinquenta anos da fundação do  
nosso Seminário Arquidiocesano Santa Cruz,  
por ocasião do jubileu áureo de ordenação episcopal de  
nosso Arcebispo emérito,

*Dom Antonio Ribeiro de Oliveira*

por ocasião do jubileu de diamante de ordenação sacer-  
dotal dos Reverendíssimos Monsenhores

*Nelson Rafael Fleury e José de Souza Lima,*

sacerdotes seniores do nosso presbitério,  
para maior glória de Deus e louvor de Nossa Senhora  
Auxiliadora, padroeira de nossa Arquidiocese,  
por meio destas presentes letras,

**DECRETA  
ANO VOCACIONAL,**

nesta Igreja Particular, o tempo que transcorre entre o dia  
29 de outubro do ano 2010 e o dia 29 de outubro do ano 2011.

O atual Seminário Santa Cruz é a continuação daquela  
primeira instituição de formação eclesiástica no Estado de  
Goiás, criada em 03 de março 1860, por decreto assinado  
pelo imperador Dom Pedro II, durante o episcopado de  
Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo, terceiro bispo de  
Vila Boa, então capital da província de Goiás.

Dom Antonio Ribeiro de Oliveira foi eleito bispo auxiliar  
da Arquidiocese de Goiânia pelo Papa João XXIII, e consa-

grado aos 29 de outubro de 1961. Foi também bispo de Ipa-meri, por dez anos, e arcebispo de Goiânia por 16 anos.

Os monsenhores Nelson Rafael Fleury e José de Souza Lima foram ordenados presbíteros por Dom Emanuel Gomes dos Santos, no dia 24 de dezembro de 1950. Mons. Lima exerceu o ministério pastoral em várias paróquias de nossa Arquidiocese e na Diocese de Luziânia, e vive hoje na Arquidiocese de Brasília. O Mons. Nelson foi pároco em várias paróquias, e teve também outros encargos de responsabilidade no governo da Arquidiocese, colaborando hoje na Catedral Metropolitana.

Vários outros sacerdotes celebram neste ano vocacional datas significativas de suas vidas. A eles igualmente agradecemos, bendizemos e, oportunamente, comemoraremos.

Para celebrar tão importantes jubileus, convoco todos os arquidiocesanos a viver este ano como um verdadeiro tempo de graça e bênção, para pedir ao Senhor da messe que continue suscitando numerosas vocações ao ministério sacerdotal e as faça frutificar abundantemente.

Teremos como tema do Ano Vocacional "*O Jovem e a Vocação*" e como lema "*Chamei-te pelo teu nome*" (Is 43,1). Queremos enxergar a Juventude como uma etapa salutar da vida humana. Queremos que nossos jovens se tornem discípulos missionários de Jesus Cristo para um tempo novo. Queremos ajudar os jovens na descoberta da sua vocação.

Da mesma forma, todos procuraremos tomar consciência do que significa o Sacerdócio Ministerial para a vida da Igreja, como também, crescer na vivência de nossa vocação específica, como verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo Supremo Pastor.

Que este ANO VOCACIONAL nos leve a uma autêntica vivência dos valores do Reino de Deus, até que um dia possamos gozar do banquete celestial com todos os sacerdotes que foram membros do nosso presbitério e já dormem o sono

da paz, de modo especial, os que foram formadores ou alunos de nosso Seminário Arquidiocesano.

Dado em nossa Cúria Arquidiocesana, aos 29 dias do mês de outubro, do ano da graça do Senhor de dois mil e dez. Segundo ano de preparação para o Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Goiânia.

*Dom Washington Cruz, CP*  
Arcebispo Metropolitano de Goiânia



# INTRODUÇÃO

## 1. Queridos irmãos e irmãs,

Neste ano de 2010, estamos celebrando, com alegria, os 150 anos da criação do nosso Seminário Arquidiocesano Santa Cruz. Também neste mesmo ano, 24 de dezembro, celebraremos os 60 anos de Ordenação Sacerdotal dos monsenhores Nelson Rafael Fleury e José de Souza Lima. Em 2011, celebraremos os 50 anos de ordenação episcopal do nosso arcebispo emérito Dom Antonio Ribeiro de Oliveira. Vários outros sacerdotes do nosso Clero, diocesanos ou religiosos, até outubro do ano que vem, estarão comemorando datas significativas de suas vidas: idade ou ordenação.

A Arquidiocese de Goiânia celebrará o júbilo dessas ordenações na profunda convicção de que o Senhor vem conduzindo a Sua Igreja por meio de virtuosos sacerdotes que procuram, cada qual a seu modo e circunstância, responder ao chamado, à vocação. E, em suas ordenações o indelével caráter sacerdotal lhes foi impresso: *“Tu és o meu filho. Hoje te gerei”* (Sl 2,6). No “hoje” da história da salvação, a Igreja se rejubila com o dom de amor e de serviço revelado nas histórias dos Monsenhores Nelson e José de Souza Lima e no ministério episcopal exercido por Dom Antonio Ribeiro de Oliveira.

Anexos a esta Carta Pastoral, inseri três textos de autoria do Mons. Nelson Rafael Fleury e do Mons. Aldorando Mendes dos Santos. **O sólido testemunho daqueles que deram uma resposta fiel ao chamado de Deus, e se entregaram totalmente à missão sacerdotal, com certeza será de encorajamento e de estímulo para todos os que desejam abraçar a vocação sacerdotal como entrega total** àquele que igualmente se entregou pela redenção de todos. E a obra redentora permanece sendo realizada através da Igreja e de seus pastores: *“A primeira beneficiária da salvação é a Igreja: Cristo*

*adquiriu-a com o Seu sangue (cf. At 20,28) e tornou-a a Sua co-operadora na obra da salvação universal. Com efeito, Cristo vive nela, é o seu Esposo, realiza o crescimento e cumpre a Sua missão através dela”* (João Paulo II, *Redemptoris missio*, n. 9). Celebrar o sacerdócio ministerial é exaltar essa ação benevolente e misericordiosa que Cristo opera no mundo, em atenção à vontade do Pai, por obra e graça do Espírito Santo.

2. Por todos estes importantes motivos, conforme Decreto por mim publicado e inserido nas primeiras páginas da presente Carta Pastoral, declaramos, para a nossa Igreja Particular de Goiânia, **um Ano Vocacional, que vigorará de 29 de outubro de 2010 a 29 de outubro de 2011**. Durante este tempo aprofundaremos, na oração e na reflexão, a imperiosa necessidade que temos de promover as vocações sacerdotais e religiosas e, ao mesmo tempo, reafirmaremos nosso sério compromisso nesta tarefa tão fundamental para a nossa Igreja particular.

## **“CHAMEI-TE PELO NOME: TU ÉS MEU”**

3. Estas palavras, que se encontram no livro de Isaías (*Is 43,1*), têm por destinatário Israel cativo, na Babilônia; são palavras do Senhor Deus, que criou e formou um povo, que se preocupa, sobremaneira, com a sorte de Israel, porque é seu povo e “eu sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, teu salvador” (*Is 43,3*). Se o criou para ser livre, o Criador não pode deixar que seu povo viva cativo; se ele mesmo o formou, o Santo de Israel não pode permitir que sirva aos ídolos: Ele o resgatará da Babilônia e o conduzirá de novo à terra que lhe deu para que viva em liberdade e sirva a seu verdadeiro Senhor!
4. **“Chamei-te pelo nome”**: eis o lema do nosso ano vocacional. Com esta carta, desejo propor algumas linhas de reflexão que favoreçam o entusiasmo e o empenho, de todos em

conjunto e de cada um em particular, na obra indispensável da promoção vocacional.

## O chamado à Vida

5. **A existência humana é, à luz da revelação bíblica, “dada” e “chamada” por Deus. “Dada”** porque é dom absolutamente livre de Deus, o qual cria, por amor, aquilo que não existia e, por um amor de todo particular, cria o ser humano “à sua imagem e semelhança”. **“Chamada”**, porque ser “imagem e semelhança de Deus” ultrapassa a simples condição de criatura. É chamamento (vocação) para uma relação íntima com o Criador, para viver segundo o seu amor, na alegria da sua presença. A narrativa bíblica da criação do ser humano é elucidativa a este respeito – elucidativa também relativamente ao modo como o ser humano, desde o início, põe em causa este chamamento/vocação, procurando assenhorar-se da própria existência, rejeitando a condição de criatura “dada” por Deus e, assim, negando a sua vocação: ser imagem e semelhança do mesmo Deus (cf. Gn 1, 26 – 2, 2; 2, 7-20).

## Ser cristão: graça e vocação

6. O que se verifica no ato criador de Deus, desde as origens, aprofunda-se de modo particular, para os cristãos, no batismo. Este é pura graça de Deus, por meio da qual o discípulo de Jesus nasce de novo (cf. Jo 3,1ss) para a plenitude da “imagem e semelhança de Deus”, agora vivida como adesão a Jesus Cristo, o Verbo de Deus feito um de nós, e plena identificação com Ele. **Repetem-se o “dom” e o “chamamento”, não para trazer à existência, mas para instaurar essa existência numa plenitude de sentido absolutamente para além de qualquer possibilidade humana e numa relação com Deus que passa da antiga “imagem e semelhan-**

**ça" à dignidade de Filhos.** O "sereis como Deus" (cf. Gn 3,4-5), sugerido pela antiga serpente como conquista humana, agora é recebido como plenitude de graça, por meio do Espírito Santo.

## **"Ter vocação" ou "ser chamado"?**

7. A vocação não se "tem" como algo próprio, conquistado ou devido: nem a vocação à existência, nem à Redenção, nem a desempenhar na Igreja qualquer tarefa que seja. Não existe vocação como coisa disponível. Há um chamamento: a vocação é exterior à pessoa, apanha-a desprevenida, desinstala-a e muda-lhe o curso da existência. Assim aconteceu com Abraão, Moisés, os profetas, os apóstolos, Paulo... Assim acontece – deveria acontecer – com cada cristão. Em tempos de cristandade, porém, as coisas mudaram e, embora sem negar a iniciativa de Deus, o "chamamento" acabou convertendo-se em algo próprio de poucos, que "tinham" vocação. Desaparecido o ambiente de cristandade, com grande parte dos nossos contemporâneos oscilando entre a indiferença religiosa, o agnosticismo e o ateísmo, importa recuperar a percepção original da vocação como chamamento a seguir Cristo e a tornar-se membro da comunidade nova dos seus discípulos. Tudo o mais – carismas, ministérios, entre eles o de presbítero – virá por acréscimo. Não quero com isto dizer que as vocações de serviço, na Igreja, não sejam importantes e que, concretamente, a Igreja possa seguir adiante sem o sacerdócio ministerial. Quero dizer, apenas, que é necessário olhar para a vocação a estes ministérios integrada com a vocação primeira: o chamado a ser "discípulo missionário" de Cristo e membro da Igreja.

## EM SINTONIA COM O SÍNODO ARQUIDIOCESANO

8. O nosso Sínodo caminha para a conclusão do seu segundo ano de preparação, com imenso desejo de comunhão e de novo ardor missionário. “O Amor de Cristo nos uniu”. Em comunhão, portanto, queremos “mergulhar no Mistério da Igreja” atentos às palavras de Jesus: “avança para águas mais profundas” (Lc 5,4), como nos recordou João Paulo II em sua carta “*Novo Millennio Ineunte*”(NMI). Nesta mesma carta, o venerável João Paulo II nos exortava: “Um **generoso empenho** certamente há-de ser posto – sobretudo através de uma oração insistente ao Senhor da messe (Mt 9,38) – **na promoção das vocações ao sacerdócio e à vida de especial consagração**. É necessário e urgente estruturar uma vasta e capilar pastoral das vocações, que envolva as paróquias, os centros educativos e as famílias” (NMI 46).

### Pastoral Vocacional

9. **Cuidar das diversas vocações é responsabilidade do Bispo em uma diocese. Ele, por sua vez, pode associar outros tantos colaboradores a si com o objetivo de proporcionar um cuidado mais preciso de tudo o que está relacionado à promoção e ao bom acompanhamento dos destinatários do chamado do Senhor.** Com o grupo de pessoas que atuam com essa finalidade específica, se inaugura e se constitui uma pastoral vocacional, sempre com forte conotação de serviço, especialmente orientado aos jovens.
10. A Pastoral Vocacional Arquidiocesana oferece aos jovens discípulos de Jesus a oportunidade de reconhecerem a voz do Senhor que chama, de aprofundarem o discernimento

vocacional e de serem acompanhados de modo mais específico pelas comunidades de formação. Tudo isso tendo em vista a concretização de uma opção de vida, opção feita a partir de uma decisão amadurecida. O processo de discernimento e acompanhamento vocacionais envolve leigos(as), religiosos(as), além dos próprios seminaristas e padres. Trata-se de um grupo diversificado, que conhece a beleza das diversas vocações presentes na Igreja e está convencido do valor dessas vocações para a plena realização da missão evangelizadora da mesma.

11. **As numerosas comunidades da Arquidiocese de Goiânia, grupos e movimentos, as escolas católicas e, sobretudo, os pais católicos, são convidados a colaborar com a Pastoral Vocacional.** Antes de tudo, colabora-se oferecendo aos jovens o testemunho pessoal da própria vocação e uma visão positiva das diversas vocações, em que se indica principalmente a grande oportunidade de seguir o Senhor numa identificação profunda com Ele, entregando-se por amor aos irmãos e irmãs. **As famílias, mais que com palavras, colaboram ao educarem seus filhos à vivência da generosidade, ao apoiá-los em projetos destinados à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, numa vida com o colorido do Evangelho de Jesus Cristo.** O sonho estreito de ganhar dinheiro e de somente “consumir” o que proporciona prazer tem tonalidade opaca quando comparado ao sonho do Reino de Deus, presente no meio de nós.
12. O Ano Vocacional que iniciamos possibilitará uma compreensão da oração do Senhor dirigida ao Pai: “seja feita a Vossa vontade”! **Queremos que a vontade do Pai se cumpra não somente em nosso favor, mas que se cumpra em nós e através de nós, em favor de muitos.** Para que isso aconteça, precisamos rezar mais e melhor. Serão realizadas as **sema-**

**nas vocacionais** nas diversas foranias que compõem os vicariatos de nossa arquidiocese. Serão semanas de oração, de reflexão e de celebração festiva pelo dom das diversas vocações. Realizar-se-ão, também, dias de Adoração ao Santíssimo Sacramento nas paróquias e comunidades, sempre pedindo pela perseverança dos(as) consagrados(as) e pelo aumento das vocações religiosas e sacerdotais na Igreja.

13. Juntamente com a Pastoral Vocacional, a *Obra das Vocações Sacerdotais* (OVS) também promoverá esses momentos de adoração contínua. A OVS, fundada por Dom Fernando Gomes dos Santos, nosso primeiro arcebispo, tem o desejo de apoiar as iniciativas de oração pela causa das vocações sacerdotais, além de oferecer o suporte econômico para a formação dos seminaristas, no Seminário Propedêutico Santa Cruz e no Seminário Maior São João Maria Vianney, e para a formação permanente do clero diocesano.

## **Comunidades cristãs e vocações sacerdotais e religiosas**

14. Os promotores responsáveis pelas vocações sacerdotais e religiosas são, em primeiro lugar, os leigos e leigas de nossas comunidades, conscientes da graça que lhes foi concedida e atentos ao chamado/vocação que lhes foi feito: ser discípulos do Senhor Jesus. Em comunidades orantes, assíduas aos sacramentos, atentas ao ensino da Igreja, fortes na fé, alegres na esperança, solícitas na caridade para com todos, o Espírito não deixará de chamar aqueles a quem escolheu para os diversos ministérios. E nem as comunidades ficarão sem presbíteros e nem a vida de consagração religiosa sem cristãos e cristãs que a ela se entreguem, segundo os modelos tradicionais, mas também sob formas renovadas. Gente

que, não tendo ainda definido a vocação, está à escuta do que o Espírito diz à Igreja e disponível para acolher o chamamento que o mesmo Espírito, através da Igreja, lhe possa fazer – sabendo que por aí passa, de modo definitivo, a sua realização pessoal, a plenitude da sua “imagem e semelhança com Deus” e da sua filiação divina, em Jesus Cristo. Cristãos, assim, experimentarão o fogo do Espírito chamando-os a aprofundar o seu estilo de vida cristã, mudando-lhes a direção, mostrando-lhes como têm andado alheios à graça ou resistido ao seu chamamento. Com temor e santo entusiasmo, serão capazes de se comprometerem definitivamente no serviço da comunidade cristã e, nesta e com esta, ao serviço da humanidade inteira, mesmo não sabendo, na altura, tudo quanto tal compromisso implicará ou o quanto terão ainda de mudar, libertos de si e entregues ao poder santificador do Espírito, ao estilo de Abraão, partindo para uma terra desconhecida, agarrado a uma promessa e confiado na Palavra daquele que o chamava.

## SEMINÁRIO SANTA CRUZ: HISTÓRIA E ITINERÁRIO VOCACIONAL



15. O nosso Seminário Santa Cruz completa, em 2010, seus 150 anos de fundação. É uma data muito importante, porque o Seminário é sempre a realidade mais próxima do coração da Igreja e, em particular, de cada Diocese. Nele são preparados aqueles que, pela Ordenação Sacerdotal, também ficam mais comprometidos com o Coração de Cristo para lhe darem a visibilidade de único Bom Pastor à frente da sua Igreja.

O Seminário Santa Cruz tem sido uma instituição muito estimada e tratada com especial carinho, pois consta que nossa Arquidiocese ama e considera seu Seminário como o seu próprio Coração.

16. O atual Seminário Santa Cruz é a continuação daquela primeira instituição de formação eclesial no Estado de Goiás, criada em 1860. No tempo em que as relações com a Igreja faziam parte do corpo do Estado, o presidente da Província de Goiás, general Couto de Magalhães, apresentou à Assembleia Legislativa a proposta de criação do Se-

minário. Em 1858, o projeto de autoria do deputado Filipe Cardoso de Santa Cruz conseguiu destinar nove contos de réis para o pagamento de professores do futuro Seminário. Aliás, o nome da instituição “Santa Cruz” é uma homenagem ao seu primeiro benfeitor, o deputado Filipe Cardoso. O Seminário foi criado pelo decreto imperial datado de 3 de março de 1860. Naquele dia, a liturgia da Igreja celebrava a festa da identificação da Cruz de Jesus Cristo, encontrada nas escavações procedidas por Santa Helena, no monte Calvário.

O Decreto foi assinado pelo imperador Dom Pedro II. Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo, terceiro bispo de Goiás, inaugurou o Seminário em 6 de janeiro de 1872, em Vila Boa, então capital da província de Goiás. Seu primeiro reitor foi o padre Nicolau de Almeida, com 38 estudantes. Em 1876, esse número subiu para 59 alunos. Nessa época, o Seminário Santa Cruz não recebia somente candidatos ao sacerdócio, mas também outros alunos que queriam aproveitar a qualidade do ensino da instituição.

Em 1879, com a saída de Dom Joaquim para a Bahia, o presidente da província Luiz Augusto Crespo suspendeu o pagamento aos professores, o que levou ao fechamento do Seminário. Em 1880, Monsenhor Joaquim Vicente de Azevedo conseguiu reabrir o Seminário. Com a chegada de Dom Cláudio José Ponce de Leão a Goiás, em setembro de 1881, iniciou-se um período de crescente progresso para o Seminário. Com a proclamação da República, em 1889, e a separação da Igreja do Estado, e em virtude da transferência de Dom Cláudio para Porto Alegre, foi trazido para a diocese Dom Eduardo Duarte Silva, que assumiu a Diocese num período de penúria financeira. Dom Eduardo, milagrosamente, conseguiu recursos para transferir o Seminário para Ouro Fino, em 1892.

Por pressões políticas, Dom Eduardo teve de deixar Goiás e passou a residir em Uberaba, na época também território da diocese. O Seminário ficou fechado e o prédio ocupado pelos correios. Com a criação da diocese de Uberaba, em 1906, Dom Eduardo foi nomeado seu primeiro bispo.

Em 1907, Dom Prudêncio Gomes da Silva chegou a Goiás e tomou posse da diocese com o claro objetivo de reabrir o Seminário. Com o apoio das comunidades, lutou pela devolução do antigo prédio do Seminário e encontrou a oposição do senador Leopoldo de Bulhões, que afirmava que o prédio pertencia ao Estado, pois fora construído com recursos oficiais. Mas o projeto de devolução foi aprovado no Congresso Nacional e sancionado pelo presidente Hermes da Fonseca, em janeiro de 1913. Em outubro daquele ano, a diocese recebeu de volta a propriedade do edifício. Em 1911, já estudavam no Seminário Santa Cruz, de forma improvisada, 63 estudantes. Em 1914, os padres do Verbo Divino assumiram a direção do Seminário.

17. Porém, em 1917 uma nova crise levou o Seminário a fechar suas portas. As despesas eram altíssimas e a diocese passava por momentos difíceis. Dom Prudêncio decidiu vender o prédio da cidade de Goiás para a União, mas não teve tempo de fazê-lo. Morreu durante uma visita pastoral à cidade de Posse, em agosto de 1921. Dom Emanuel Gomes de Oliveira assumiu a diocese de Goiás, em 1923. Com tantas dificuldades financeiras e diante da saída dos padres do Verbo Divino da direção do Seminário, Dom Emanuel decidiu transferir o Seminário para Bonfim (hoje Silvânia), onde funcionou provisoriamente na casa de Dona Joaquina. Em 1941, começaram as aulas no prédio novo, construído numa colina próxima à estação da estrada de ferro, a seis quilômetros da cidade.

De 1950 a 1955 foi reitor do Seminário, em Silvânia, o cônego Antonio Ribeiro de Oliveira, que implantou também os cursos de Filosofia e Teologia. O corpo docente era formado, nesta época, por Côn. Antonio Ribeiro, Pe. Cirilo Talpka, Pe. Adolfo Serra, Pe. Nelson Fleury, o salesiano Pe. Cleto Caliman, o re-dentorista Pe. Alexandre Mine e o franciscano Frei Marcelo.

18. Desde a sua criação na cidade de Goiás, o Santa Cruz vem desempenhando, ao longo de 150 anos, um trabalho, nem sempre fácil, de formação, preparando homens que se ordenaram padres e outros que seguiram rumos diferentes e que desempenharam tarefas com muita competência. Antes de chegar à localização atual, o que aconteceu durante o episcopado de Dom Fernando Gomes dos Santos, nosso primeiro arcebispo, o Seminário Santa Cruz funcionou, portanto, sucessivamente, nas cidades de Goiás, Uberaba, Ouro Fino e Silvânia.

## Conhecendo o Seminário

19. Um Seminário, qualquer que seja, é a continuidade daquela fundamental e primeira experiência que os Apóstolos fizeram junto de Jesus Cristo: ouviram as suas Palavras e perceberam os seus gestos, aprofundaram o sentido das suas vidas e perceberam a finalidade das suas existências, aguardaram a força do Espírito Santo para fazerem das suas vidas aquilo que Jesus já tinha feito com a sua própria vida: dom de si para que muitos sejam felizes. **O Seminário é tempo e espaço de convívio com Jesus e, por isso, de aprender com Ele. O Seminário, bem antes de ser um edifício, é aquela comunidade educativa que o bispo promove para criar a comunhão de vida e de destino apostólico com Cristo, seu Mestre.**
20. Recentemente o Papa entregou à Igreja uma Carta dirigida aos seminaristas. Nela, define o Seminário como uma co-

munidade que caminha para o serviço sacerdotal, uma autêntica “comunidade de discípulos”, feita para “*que vivam para Ele e O levem aos outros. Sim, tem sentido tornar-se sacerdote: o mundo tem necessidade de sacerdotes, de pastores hoje, amanhã e sempre enquanto existir*” (Carta do Papa Bento XVI aos Seminaristas, 18/10/2010).

21. Para o Papa Bento XVI, o Seminário é tempo fecundo de encontro com Deus, no estudo sistemático de todas as disciplinas e na disciplina da oração contínua. Ensina o Santo Padre: “Por isso, queridos amigos, é muito importante aprenderdes a viver em permanente contacto com Deus. Quando o Senhor fala de “orar sempre”, naturalmente não pede para estarmos continuamente a rezar por palavras, mas para conservarmos sempre o contacto interior com Deus. Exercitar-se neste contacto é o sentido da nossa oração. Por isso, é importante que o dia comece e acabe com a oração; que escutemos Deus na leitura da Sagrada Escritura; que Lhe digamos os nossos desejos e as nossas esperanças, as nossas alegrias e sofrimentos, os nossos erros e o nosso agradecimento por cada coisa bela e boa, e que deste modo sempre O tenhamos diante dos nossos olhos como ponto de referência da nossa vida. Assim tornamo-nos sensíveis aos nossos erros e aprendemos a trabalhar para nos melhorarmos; mas tornamo-nos sensíveis também a tudo o que de belo e bom recebemos habitualmente cada dia, e assim cresce a gratidão. E, com a gratidão, cresce a alegria pelo fato de que Deus está perto de nós e podemos servi-Lo” (Carta do Papa aos Seminaristas, 18/10/2010, n. 1).

## **Interesse pelo Seminário**

22. A Exortação Apostólica *Pastores Gregis* descreve como uma das tarefas mais importantes do bispo a atenção às vocações e o interesse pela formação integral dos futuros sacerdotes, segundo as diretrizes do Magistério: “Com

*tudo o que supõe de oração, dedicação e canseira, a formação dos presbíteros constitui para o Bispo uma preocupação de primordial importância” (n. 48).*

23. Devemos nos interessar e valorizar o Seminário! Nele se refletem os traços da primitiva comunidade cristã (cf. At 2;4). Esta é mais uma das razões pelas quais devemos amá-lo e protegê-lo sempre. Nosso apreço por ele será o melhor termômetro para saber o quanto estimamos e queremos bem à nossa Igreja arquiocesana.
24. Algumas de nossas comunidades paroquiais vêm experimentando o consolo da chegada de um jovem sacerdote, formado em nosso Seminário. **Com sua entrega apostólica, o povo cristão pode reconhecer a esperança que dá ao mundo a tarefa evangelizadora de um bom pastor.**

### **Seminário, primeiro passo de uma longa caminhada**

25. Um padre não pode ser tudo o que a chamada opinião pública lhe pede que seja. Tem que ser muito mais! É bom que corresponda a essas expectativas, mas partindo do fundamento pelo qual se fez padre e ministro da Igreja. Não sendo, necessariamente, um ministério de tensão, é, contudo e sempre, um ministério de proposta, de anúncio, de desafio, de confronto, de catequese, de evangelização. Mas em nome de uma verdade maior: a de Deus que chama e quer acolher cada homem. “Convivência” e “diferença” fazem parte do seu dia a dia.
26. **Formar um padre é apenas ensinar-lhe um serviço concreto? Não será, antes, ajudá-lo a desenvolver uma atitude**

**fundamental segundo a natureza do ministério apostólico tal como a Igreja o vive?** Formar apenas para um serviço determinado e “ocasional” não habilita nem prepara para a adaptação e reação à evolução dos costumes e da vida. É melhor então ajudar a formar a capacidade de mudar do que fixar pessoas em tarefas que, dez anos mais tarde, se manifestam obsoletas. Creio que a atitude fundamental, numa época como a nossa de mudanças rápidas e incomparáveis, seja a de se deixar formar por Cristo, desenvolvendo uma humanidade tão rica quanto possível para o serviço dos irmãos. É por isso que não existe um tipo único de padre, mas uma infinidade de dons que evoluem com o tempo e com a idade. Haverá homens de estudos, homens mais contemplativos ou “retirados”, homens do contato e da relação, homens da iniciativa prática, homens ... Para serem padres é necessário, precisamente, essa atitude fundamental de receber de Cristo a sua missão (o desafio do fundamento espiritual da vida). Dizer que se recebe de Cristo significa que se recebe de Outro e não de si mesmo. E isso é verificável na capacidade de colaboração na Igreja, na aceitação dos irmãos, na aceitação de regras objetivas, na aceitação de meios de formação permanente, na aceitação da Igreja tal como ela é.

27. Então, o desafio conjuga-se no presente. **É hoje. É hoje que Cristo chama. Este é o momento em que se corresponde ou não. É o momento em que se evangeliza pelo acolhimento da proposta ou não. É hoje que, pela atitude, é preciso concretizar a proposta. O Seminário aparece então como um primeiro passo específico numa longa caminhada de atenção e disponibilidade à vontade de Deus.** A sabedoria da Igreja, longa de séculos, assume a experiência da vida comunitária como meio de formação. É o tempo em que cada um se descobre mais e descobre os outros. A parti-

lha e o “confronto” não são apenas um método psicológico, são a experiência que faz chegar à profundidade do coração.

## DO SEMINÁRIO PARA O PRESBITÉRIO

28. O Seminário, comunidade formativa, é sempre um presbitério (o conjunto dos padres com o seu Bispo) em gestação. A Igreja, aliás, toda ela, é fundamentalmente um mistério de comunhão. Cada seminarista, portanto, não se prepara sozinho para ser padre sozinho, mas se prepara, desde já, no horizonte do presbitério diocesano. Quando é ordenado padre é recebido como irmão pelos outros padres e acolhe-os no mesmo dinamismo fraterno. **O Seminário é, por isso, escola de presbitério. É uma fraternidade sacramental mais do que uma simples pertença comum.** Por isso, o Decreto conciliar sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes exorta os padres mais experientes a que recebam os mais novos como irmãos e os ajudem nos seus primeiros empreendimentos e encargos do ministério; esforcem-se por compreender a sua mentalidade, embora diferente, e ajudem, com benevolência, as suas iniciativas. Do mesmo modo, os mais jovens reverenciem a idade e experiência dos mais velhos, aconselhem-se com eles, colaborem de bom grado (cf. *Presbyterorum ordinis*, n. 8).
29. As novas situações fazem despertar novas maneiras de estar e viver na Igreja. E, no acolhimento em presbitério, continua gradualmente a formação de cada padre, iniciada no Seminário. É melhor preparar para ser capaz de reagir em qualquer momento e circunstância do que preparar para reagir apenas a uma situação. Para preparar o futuro, o essencial é transmitir àqueles que o vão viver a coragem da verdade e do amor.

30. Os jovens que hoje são ordenados padres não estão livres de defeitos e fraquezas. Mas possuem também imensas qualidades. Eles sabem-no ou descobrem-no durante a formação. Seria uma ilusão pensar que poderíamos ter, ao sair do Seminário, padres perfeitos, com “certificado de garantia” para uns quantos anos. Por isso o desafio é sempre o de vivificar e aperfeiçoar a capacidade de responder ao chamado de Deus com os meios de Deus.
31. A formação permanente é um trabalho contínuo que deve ajudar cada um a reconhecer as suas fraquezas e as graças recebidas, a identificar os meios que Deus concede para trabalhar na correção das faltas e na purificação dos pecados, a ver e contemplar os lugares de alimento para o caminho a que é chamado. **Vocação não é um “emprego”. Vai muito além. Cada padre realiza o ministério de Jesus Cristo no meio do Corpo eclesial. É pela sua boca e pela sua vida que Jesus diz: “Este é o meu Corpo entregue por vós”.** E quando o diz, não fala apenas em lugar de Jesus, mas com a sua própria vida, fala na primeira pessoa. Cristo Se comunica pela sua boca e entrega-Se pelas suas mãos. **O padre é, portanto, testemunha de uma unidade e de uma entrega cuja medida não é o seu gosto pessoal, nem as suas paixões, nem as suas ideias, e sim o que Cristo quer.** Como dirá São Bernardo, a única medida do amor é não ter medida.
32. Então, quando Cristo chama, **não precisa ter medo.** É Cristo que chama e quando chama também acompanha. Quando somos capazes de confiar em seu chamamento e de nos oferecer com amor e gratuidade aos seus caminhos na Igreja, experimentamos uma força insuspeitada e um fabuloso sentido de vida.
33. **Não faltam vozes ainda hoje para apontar o dedo ao celibato eclesiástico ou religioso, definindo como antiquada**

a estrutura institucional da Igreja, a colocar o preceito da obediência ou da pobreza contra a autonomia subjetiva. Mas, se falarmos em bondade, sinceridade, fortaleza de alma, constância, cuidado assíduo com a justiça, delicadeza, verdade, integridade, harmonia, capacidade de relação, alegria no que se faz etc., talvez a questão não se torne tão importante, ou mesmo, não seja posta. Pois, então, podemos dizer que o celibato, a obediência etc. são tão somente outros nomes para definir uma identidade vocacional específica na Igreja, mas que assenta numa personalidade feliz e equilibrada, numa personalidade que se quer íntegra e com harmonia. Celibato, obediência e pobreza, com estes ou com outros nomes, são sempre expressões do amor que costumamos definir como sentido da vida. Cristo não tira nada, Ele dá tudo. Há uma riqueza imensa na vida de um celibatário, como há uma riqueza imensa na vida de um casado. O absoluto não se reduz ao estado de vida. O estado de vida, esse sim, é caminho para o Absoluto. E há tantos caminhos.

34. Ninguém aceita hoje projetos que não tenham uma identidade forte. E ser casal cristão, ser padre, consagrado(a), religioso(a) tem, sem dúvida uma forte identidade e um imenso projeto: Jesus Cristo, sempre como Fonte renovadora da vida. O que somos “desafia” muito mais do que aquilo que dizemos. Às vezes ouvem-se lamentos, mais do que a partilha da alegria do serviço. E quando passamos a vida a lamentar-nos de alguma coisa, falta-nos condições e tempo para refletir na forma de ultrapassar aquilo que é motivo do lamento: é esse mecanismo que “eterniza”, muitas vezes, os problemas.

## O Dom da Comunhão

35. Diante de um mundo tão fragmentado e dividido por tantos interesses desumanizadores, se faz necessário viver o dom da comunhão. Por isso, o testemunho da caridade mútua e da unidade foi indicado por Cristo a seus discípulos de forma tão persistente (*cf. Jo 15,12; 17,10-11.21*), como se se julgasse com isso sua credibilidade messiânica. **Quando a caridade pastoral move a vida do sacerdote, este se faz servidor incondicional de seus irmãos, porque** reconhece neles o rosto de Cristo, e compartilha com Ele suas alegrias e seus sofrimentos ao atender suas necessidades mais profundas. Estes são os “sinais esperançosos” que tão ardentemente espera nosso povo. Trata-se de construir um “lar familiar” de reconciliação e uma escola de comunhão. É esta uma das missões mais belas da Igreja no mundo. E este é o rosto e a tarefa da nova evangelização que promove para o Terceiro Milênio o próprio Papa João Paulo II em sua Carta Apostólica (*NMI*). **Eis aqui o coração de nossa tarefa pastoral!**
36. A vivência do Dom da Comunhão se fundamenta numa espiritualidade de comunhão, conforme ensinou o Papa João Paulo II na Carta Apostólica que introduziu a Igreja nos imperiosos desafios pastorais presentes no novo milênio (*NMI*, 43). Trata-se de construir um “lar familiar” de reconciliação e uma escola de comunhão. É esta uma das missões mais belas da Igreja no mundo. E este é o rosto e a tarefa da nova evangelização que a Igreja promove para o Terceiro Milênio. Eis aqui o coração de nossa tarefa pastoral!
37. O jovem vocacionado deve encontrar no seminário uma expressão autêntica e possibilitadora da experiência de comunhão, que tem sua fonte e origem na própria comunhão

Trinitária. Só exercita de modo pleno a reconciliação e a comunhão a pessoa que, de modo concreto, foi formada dentro de um ambiente favorecedor. Assim, é urgente que todas as comunidades paroquiais, as famílias cristãs, as associações e movimentos eclesiais fomentem a oração e acompanhem o “chamado recebido” daqueles jovens que desejam consagrar suas vidas e entregá-las ao Senhor. Esta preocupação suscitará uma profunda união dos seminaristas com seus grupos de origem. União que os manterá em um contato vivo com a realidade e riqueza da vida arquidiocesana para servi-la melhor. Por sua vez, esta relação fará que germine em cada seminarista o apreço e o carinho efetivo e afetivo pela Arquidiocese, sintoma e sinal inconfundível da vocação ao ministério do sacerdote diocesano (cf. *Pastores dabo vobis n. 31*). Aqui o Dom da Comunhão, fundado numa espiritualidade autêntica, encontra realização e eficácia.

38. Apesar das dificuldades atuais que tem toda vocação, nossa Arquidiocese continua recebendo a visita do Senhor com a entrada de novos jovens em nossos Seminários. O Seminário São João Maria Vianney, interdiocesano, conta com 17 seminaristas na filosofia e 22 na teologia. Ademais, 10 jovens estão fazendo o ano propedêutico; outros 12 se preparam para ingressar no próximo ano; além de vários adolescentes e jovens que participam da Escola Apostólica e dos grupos de acompanhamento. Com este balanço se pode apreciar a fecundidade de nossa oração. Por conseguinte, devemos responder com maior generosidade à tarefa da “Pastoral Vocacional” desde esta perspectiva esperançosa.
39. A importância desta hora nos obriga a reconhecer que Cristo será o centro da história se o seguimos com radicalidade e o deixamos falar em nosso coração. Quando vivemos sua amizade, nos transformamos em testemunhas atraen-

tes para todos os homens. E a quem escutar seu chamado a segui-lo para configurar-se com Ele, lhe dizemos com todas nossas forças que não tenha medo, pois “*Cristo se uniu a todo homem*” (*Redemptor Hominis*, n. 13). Mais ainda, está no coração de todo homem (cf. RH, n. 8). Essa união foi possível pelo Mistério da Encarnação do Verbo, permitindo que Cristo hoje siga recorrendo com cada homem o mistério de seu nascimento, morte e ressurreição. Aqui está a novidade que cada sacerdote realiza diariamente por meio da celebração dos sacramentos. Os presbíteros, tornando presente o Cristo Cabeça e Pastor de seu Povo, têm a capacidade de transmitir a salvação como dom supremo do amor de Deus (cf. *Pastores dabo vobis* n. 82). É uma tarefa bonita e apaixonante que requer a entrega e a doação de todo nosso ser. Trata-se de reconhecer que Cristo está vivo e, por conseguinte, segue amando e pensando com um coração e uma mente de homem, (cf. *Redemptor Hominis*, n. 7) através de cada cristão. Quando nossos jovens oferecem toda sua vida como resposta ao chamado do Senhor, Ele os faz pastores segundo o seu coração (cf. *Jr 3, 15*).

## CONCLUSÃO

### Gratidão e súplica

40. Concluo esta *Carta Pastoral* com uma ação de graças a Deus pelo dom de nossos sacerdotes, que continuam com a mão posta no arado, apesar da dureza da terra e da inclemência do tempo. Agradecemos ao Senhor o presente de nossos seminaristas, que são uma bênção de Deus para a Igreja que peregrina nesta Arquidiocese de Goiânia. Pedimos para que os seminaristas respondam com generosidade e coragem ao chamado de Jesus, que os convida a estar com ele para enviá-los em missão (cf. *Mc 3,14*). Como é difícil renun-

ciar a tantas coisas do mundo, mas, ao mesmo tempo, que alegria sentir no coração o chamado do amor de predileção de Jesus, que é o melhor amigo, o verdadeiro tesouro pelo qual vale a pena deixar tudo (*cf. Mt 13,44*).

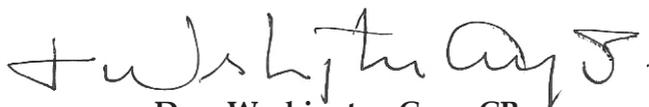
41. Felicito nossos seminaristas e desejo que sintam o apoio e a proximidade de nós bispos, dos sacerdotes, dos membros da vida consagrada e dos fiéis leigos e leigas de nossa Arquidiocese. Agradeço o trabalho generoso e paciente do Conselho de Formação, dos professores e de todo o pessoal de serviço de nosso Seminário. Expresso minha gratidão sincera a todos quantos trabalham com perseverança na obra das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, especialmente no Setor de Pastoral Juvenil, Vocacional e Universitária. Dou graças por tantos cristãos que rezam e se preocupam com o Seminário, e especialmente agradeço às monjas carmelitas que, no silêncio, oferecem sua assídua oração e generosa penitência pelas vocações.
42. O Seminário necessita do esforço de todos para que os futuros sacerdotes gozem de uma excelente formação e para que nenhum jovem, chamado por Cristo ao sacerdócio, deixe sua vocação por razões econômicas. Agradeço sinceramente a todos os diocesanos a generosa ajuda econômica que, através da coleta do Dia do Seminário e de outras formas, fazem em favor do sustentamento ordinário e das obras do Seminário. Que Deus, que é o melhor remunerador, os recompense.
43. Recomendo a Nossa Senhora Auxiliadora e ao Patriarca São José o cuidado dos nossos seminaristas. Eles, que cuidaram em Nazaré daquele que “ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens” (*Lc 2,52*), os acompanhem em sua caminhada vocacional. E que o Espírito

Santo suscite nas famílias cristãs de nossas paróquias e comunidades abundantes vocações sacerdotais para o serviço de Cristo, da Igreja e do mundo.

- 44. Santíssima Trindade, Deus uno e trino, para Vós o nosso louvor neste Ano Vocacional 2010-2011.** Nós Vos pedimos por nossas crianças, adolescentes e jovens, para que aprofundem a sua experiência de fé e assinem um COMPROMISSO VOCACIONAL com Jesus Cristo. Somos uma Arquidiocese, um Povo em comunhão com a Igreja Universal, com o Papa Bento XVI que preside a “caridade universal”. “O Jovem e a Vocação” é o desafio que nos propomos enfrentar neste ano vocacional. Fazemo-lo com alegria e determinação. Bispos, sacerdotes, diáconos, pessoas da Vida Consagrada e do Laicato, todos, como Igreja, queremos nos abrir à força impulsionadora do Espírito de Jesus Vivo que nos empenhará neste compromisso eclesial. Que assim seja!

Com meu afeto, agradecimento e bênção.

Arquidiocese de Goiânia, 29 de outubro de 2010



**Dom Washington Cruz, CP**  
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

## ANEXO 1

### CARTA DO PAPA BENTO XVI AOS SEMINARISTAS

*Queridos Seminaristas,*

Em Dezembro de 1944, quando fui chamado para o serviço militar, o comandante de companhia perguntou a cada um de nós a profissão que sonhava ter no futuro. Respondi que queria tornar-me sacerdote católico. O subtenente replicou: Nesse caso, convém-lhe procurar outra coisa qualquer; na nova Alemanha, já não há necessidade de padres. Eu sabia que esta “nova Alemanha” estava já no fim e que, depois das enormes destruições causadas por aquela loucura no país, mais do que nunca haveria necessidade de sacerdotes.

Hoje, a situação é completamente diversa; porém de vários modos, mesmo em nossos dias, muitos pensam que o sacerdócio católico não seja uma “profissão” do futuro, antes pertenceria já ao passado. Contrariando tais objeções e opiniões, vós, queridos amigos, decidistes-vos a entrar no Seminário, encaminhando-vos assim para o ministério sacerdotal na Igreja Católica. E fizestes bem, porque os homens sempre terão necessidade de Deus – mesmo na época do predomínio da técnica no mundo e da globalização –, do Deus que Se mostrou a nós em Jesus Cristo e nos reúne na Igreja universal, para aprender, com Ele e por meio d’Ele, a verdadeira vida e manter presentes e tornar eficazes os critérios da verdadeira humanidade.

Sempre que o homem deixa de ter a noção de Deus, a vida torna-se vazia; tudo é insuficiente. Depois o homem busca refúgio na alienação ou na violência, ameaça esta que recai cada vez mais sobre a própria juventude. Deus vive; criou cada um

de nós e, por conseguinte, conhece a todos. É tão grande que tem tempo para as nossas coisas mais insignificantes: “Até os cabelos da vossa cabeça estão contados”.

Deus vive, e precisa de homens que vivam para Ele e O levem aos outros. Sim, tem sentido tornar-se sacerdote: o mundo tem necessidade de sacerdotes, de pastores hoje, amanhã e sempre enquanto existir.

O Seminário é uma comunidade que caminha para o serviço sacerdotal. Nestas palavras, disse já algo de muito importante: uma pessoa não se torna sacerdote, sozinha. É necessária a “comunidade dos discípulos”, o conjunto daqueles que querem servir a Igreja de todos. Com esta carta, quero evidenciar – olhando retrospectivamente também para o meu tempo de Seminário – alguns elementos importantes para o vosso caminho a fazer nestes anos.

1. Quem quer tornar-se sacerdote, deve ser, sobretudo, um “homem de Deus”, como o apresenta São Paulo (1Tm 6, 11). Para nós, Deus não é uma hipótese remota, não é um desconhecido que se retirou depois do “big-bang”. Deus mostrou-Se em Jesus Cristo. No rosto de Jesus Cristo, vemos o rosto de Deus. Nas suas palavras, ouvimos o próprio Deus a falar conosco. Por isso, o elemento mais importante no caminho para o sacerdócio e ao longo de toda a vida sacerdotal é a relação pessoal com Deus em Jesus Cristo. O sacerdote não é o administrador de uma associação qualquer, cujo número de membros se procura manter e aumentar. É o mensageiro de Deus no meio dos homens; quer conduzir a Deus, e assim fazer crescer também a verdadeira comunidade dos homens entre si. Por isso, queridos amigos, é muito importante aprenderdes a viver em permanente contato com Deus. Quando o Senhor fala de “orar sempre”, naturalmente não pede para estarmos continuamente a rezar por palavras, mas para conservarmos sempre o contato interior

com Deus. Exercitar-se neste contato é o sentido da nossa oração. Por isso, é importante que o dia comece e acabe com a oração; que escutemos Deus na leitura da Sagrada Escritura; que Lhe digamos os nossos desejos e as nossas esperanças, as nossas alegrias e sofrimentos, os nossos erros e o nosso agradecimento por cada coisa bela e boa, e que deste modo sempre O tenhamos diante dos nossos olhos como ponto de referência da nossa vida. Assim tornamo-nos sensíveis aos nossos erros e aprendemos a trabalhar para nos melhorarmos; mas tornamo-nos sensíveis, também, a tudo o que de belo e bom recebemos habitualmente cada dia, e assim cresce a gratidão. E, com a gratidão, cresce a alegria pelo fato de que Deus está perto de nós e podemos servi-Lo.

2. Para nós, Deus não é só uma palavra. Nos sacramentos, dá-  
Se pessoalmente a nós, através de elementos corporais. O centro da nossa relação com Deus e da configuração da nossa vida é a Eucaristia; celebrá-la com íntima participação e assim encontrar Cristo em pessoa deve ser o centro de todas as nossas jornadas. Para além do mais, São Cipriano interpretou a súplica do Evangelho “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, dizendo que o pão “nosso”, que, como cristãos, podemos receber na Igreja, é precisamente Jesus eucarístico. Por conseguinte, na referida súplica do Pai Nosso, pedimos que Ele nos conceda cada dia este pão “nosso”; que o mesmo seja sempre o alimento da nossa vida, que Cristo ressuscitado, que Se nos dá na Eucaristia, plasme verdadeiramente toda a nossa vida com o esplendor do seu amor divino. Para uma reta celebração eucarística, é necessário aprendermos também a conhecer, compreender e amar a liturgia da Igreja na sua forma concreta. Na liturgia, rezamos com os fiéis de todos os séculos; passado, presente e futuro encontram-se num único grande coro de oração. A partir do meu próprio caminho, posso afirmar que é entusiasmante

aprender a compreender pouco a pouco como tudo isto foi crescendo, quanta experiência de fé há na estrutura da liturgia da Missa, quantas gerações a formaram rezando.

3. Importante é também o sacramento da Penitência. Ensina a olhar-me do ponto de vista de Deus e obriga-me a ser honesto comigo mesmo; leva-me à humildade. Uma vez o Cura d' Ars disse: Pensais que não tem sentido obter a absolvição hoje, sabendo, entretanto, que amanhã fareis de novo os mesmos pecados. Mas – assim disse ele – o próprio Deus neste momento esquece os vossos pecados de amanhã, para vos dar a sua graça hoje. Embora tenhamos de lutar continuamente contra os mesmos erros, é importante opor-se ao embrutecimento da alma, à indiferença que se resigna com o fato de sermos feitos assim. Na grata certeza de que Deus me perdoa sempre de novo, é importante continuar a caminhar, sem cair em escrúpulos mas também sem cair na indiferença, que já não me faria lutar pela santidade e o aperfeiçoamento. E, deixando-me perdoar, aprendo também a perdoar aos outros; reconhecendo a minha miséria, também me torno mais tolerante e compreensivo com as fraquezas do próximo.
4. Mantende em vós também a sensibilidade pela piedade popular, que, apesar de diversa em todas as culturas, é sempre também muito semelhante, porque, no fim de contas, o coração do homem é o mesmo. É certo que a piedade popular tende para a irracionalidade e, às vezes, talvez mesmo para a exterioridade. No entanto, excluí-la, é completamente errado. Através dela, a fé entrou no coração dos homens, tornou-se parte dos seus sentimentos, dos seus costumes, do seu sentir e viver comum. Por isso a piedade popular é um grande patrimônio da Igreja. A fé fez-se carne e sangue. Seguramente a piedade popular deve ser sempre purifica-

da, referida ao centro, mas merece a nossa estima; de modo plenamente real, ela faz de nós mesmos “Povo de Deus”.

5. O tempo no Seminário é também e, sobretudo, tempo de estudo. A fé cristã possui uma dimensão racional e intelectual, que lhe é essencial. Sem tal dimensão, a fé deixaria de ser ela mesma. Paulo fala de uma “norma da doutrina”, à qual fomos entregues no Batismo (*Rm 6, 17*). Todos vós conheceis a frase de São Pedro, considerada pelos teólogos medievais como a justificação para uma teologia elaborada racional e cientificamente: “Sempre prontos a responder (...) a todo aquele que vos perguntar “a razão” (*logos*) da vossa esperança” (*1Pd 3,15*). Adquirir a capacidade para dar tais respostas é uma das principais funções dos anos de Seminário. Tudo o que vos peço insistentemente é isto: Estudai com empenho! Fazei render os anos do estudo! Não vos arrependereis. É certo que muitas vezes as matérias de estudo parecem muito distantes da prática da vida cristã e do serviço pastoral. Mas é completamente errado pôr-se imediatamente e sempre a pergunta pragmática: Poderá isto servir-me no futuro? Terá utilidade prática, pastoral? É que não se trata apenas de aprender as coisas evidentemente úteis, mas de conhecer e compreender a estrutura interna da fé na sua totalidade, de modo que a mesma se torne resposta às questões dos homens, os quais, do ponto de vista exterior, mudam de geração em geração e, todavia, no fundo, permanecem os mesmos. Por isso, é importante ultrapassar as questões volúveis do momento para se compreender as questões verdadeiras e próprias e, deste modo, perceber também as respostas como verdadeiras respostas. É importante conhecer a fundo e integralmente a Sagrada Escritura, na sua unidade de Antigo e Novo Testamento: a formação dos textos, a sua peculiaridade literária, a gradual composição dos mesmos até se formar o cânon dos livros

sagrados, a unidade dinâmica interior que não se nota à superfície, mas é a única que dá a todos e cada um dos textos o seu pleno significado. É importante conhecer os Padres e os grandes Concílios, onde a Igreja assimilou, refletindo e acreditando, as afirmações essenciais da Escritura. E poderia continuar assim: aquilo que designamos por dogmática é a compreensão dos diversos conteúdos da fé na sua unidade, mais ainda, na sua derradeira simplicidade, pois cada um dos detalhes, no fim de contas, é apenas explanação da fé no único Deus, que Se manifestou e continua a manifestar-Se a nós. Que é importante conhecer as questões essenciais da teologia moral e da doutrina social católica, não será preciso que vo-lo diga expressamente. Quão importante seja hoje a teologia ecumênica, conhecer as várias comunidade cristãs, é evidente; e o mesmo se diga da necessidade duma orientação fundamental sobre as grandes religiões e, não menos importante, sobre a filosofia: a compreensão daquele indagar e questionar humano ao qual a fé quer dar resposta. Mas aprendei também a compreender e – ousar dizer – a amar o direito canônico na sua necessidade intrínseca e nas formas da sua aplicação prática: uma sociedade sem direito seria uma sociedade desprovida de direitos. O direito é condição do amor. Agora não quero continuar o elenco, mas dizer-vos apenas e uma vez mais: Amai o estudo da teologia e segui-o com diligente sensibilidade para ancorardes a teologia à comunidade viva da Igreja, a qual, com a sua autoridade, não é um polo oposto à ciência teológica, mas o seu pressuposto. Sem a Igreja que crê, a teologia deixa de ser ela própria e torna-se um conjunto de disciplinas diversas sem unidade interior.

6. Os anos no Seminário devem ser também um tempo de maturação humana. Para o sacerdote, que terá de acompanhar os outros ao longo do caminho da vida e até às portas da

morte, é importante que ele mesmo tenha posto em justo equilíbrio coração e intelecto, razão e sentimento, corpo e alma, e que seja humanamente “íntegro”. Por isso, a tradição cristã sempre associou às “virtudes teologais” as “virtudes cardeais”, derivadas da experiência humana e da filosofia, e também em geral a sã tradição ética da humanidade. Di-lo, de maneira muito clara, Paulo aos Filipenses: “Quanto ao resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, nobre e justo, tudo o que é puro, amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor, isto deveis ter no pensamento” (4,8). Faz parte deste contexto também a integração da sexualidade no conjunto da personalidade. A sexualidade é um dom do Criador, mas também uma função que tem a ver com o desenvolvimento do próprio ser humano. Quando não é integrada na pessoa, a sexualidade torna-se banal e ao mesmo tempo destrutiva. Vemos isto, hoje, em muitos exemplos da nossa sociedade. Recentemente, tivemos de constatar com grande mágoa que sacerdotes desfiguraram o seu ministério, abusando sexualmente de crianças e adolescentes. Em vez de levar as pessoas a uma humanidade madura e servir-lhes de exemplo, com os seus abusos provocaram destruições, pelas quais sentimos profunda pena e desgosto. Por causa de tudo isto, pode ter-se levantado em muitos, e talvez mesmo em vós próprios, esta questão: se é bom fazer-se sacerdote, se o caminho do celibato é sensato como vida humana. Mas o abuso, que há que reprovamos profundamente, não pode desacreditar a missão sacerdotal, que permanece grande e pura. Graças a Deus, todos conhecemos sacerdotes convincentes, plasmados pela sua fé, que testemunham que, neste estado e precisamente na vida celibatária, é possível chegar a uma humanidade autêntica, pura e madura. Entretanto o sucedido deve tornar-nos mais vigilantes e solícitos, levando precisamente a interrogarmos cuidadosamente a nós mesmos diante de Deus ao longo

do caminho rumo ao sacerdócio, para compreender se este constitui a sua vontade para mim. É função dos padres confessores e dos vossos superiores acompanhar-vos e ajudar-vos neste percurso de discernimento. É um elemento essencial do vosso caminho praticar as virtudes humanas fundamentais, mantendo o olhar fixo em Deus que Se manifestou em Cristo, e deixar-se incessantemente purificar por Ele.

7. Hoje os princípios da vocação sacerdotal são mais variados e distintos do que nos anos passados. Muitas vezes a decisão para o sacerdócio desponta nas experiências de uma profissão secular já assumida. Frequentemente cresce nas comunidades, especialmente nos movimentos, que favorecem um encontro comunitário com Cristo e a sua Igreja, uma experiência espiritual e a alegria no serviço da fé. A decisão amadurece também em encontros muito pessoais com a grandeza e a miséria do ser humano. Deste modo os candidatos ao sacerdócio vivem muitas vezes em continentes espirituais completamente diversos; poderá ser difícil reconhecer os elementos comuns do futuro mandato e do seu itinerário espiritual. Por isso mesmo, o Seminário é importante como comunidade em caminho que está acima das várias formas de espiritualidade. Os movimentos são uma realidade magnífica; sabeis quanto os aprecio e amo como dom do Espírito Santo à Igreja. Mas devem ser avaliados segundo o modo como todos se abrem à realidade católica comum, à vida da única e comum Igreja de Cristo que permanece uma só em toda a sua variedade. O Seminário é o período em que aprendeis um com o outro e um do outro. Na convivência, por vezes talvez difícil, deveis aprender a generosidade e a tolerância não só suportando-vos mutuamente, mas também enriquecendo-vos um ao outro, de modo que cada um possa contribuir com os seus dotes peculiares para o conjunto, enquanto todos servem a mesma

Igreja, o mesmo Senhor. Esta escola da tolerância, antes do aceitar-se e compreender-se na unidade do Corpo de Cristo, faz parte dos elementos importantes dos anos de Seminário.

Queridos seminaristas! Com estas linhas, quis mostrar-vos quanto penso em vós precisamente nestes tempos difíceis e quanto estou unido convosco na oração. Rezai também por mim, para que possa desempenhar bem o meu serviço, enquanto o Senhor quiser. Confio o vosso caminho de preparação para o sacerdócio à proteção materna de Maria Santíssima, cuja casa foi escola de bem e de graça. A todos vos abençoe Deus onipotente Pai, Filho e Espírito Santo.

*Vaticano, 18 de outubro – Festa de São Lucas, Evangelista – do ano 2010.*

Vosso, no Senhor

**BENEDICTUS PP XVI**

## ANEXO 2

### DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica Vaticana

Terça-feira, 2 de fevereiro de 2010

*Queridos irmãos e irmãs!*

Na festa da Apresentação de Jesus no Templo celebramos um mistério da vida de Cristo, ligado ao preceito da lei moisaica que prescrevia aos pais, quarenta dias depois do nascimento do primogênito, de subir ao Templo de Jerusalém para oferecer o seu filho ao Senhor e para a purificação ritual da mãe (cf. *Êx 13,1-2.11-16; Lv 12, 1-8*). Também Maria e José cumprem este rito, oferecendo – segundo a lei – um casal de rolas ou de pombas. Lendo as coisas mais em profundidade, compreendemos que naquele momento é o próprio Deus quem apresenta o seu Filho Unigênito aos homens, mediante as palavras do velho Simeão e da profetiza Ana. De fato, Simeão proclama Jesus como "salvação" da humanidade, como "luz" de todos os povos e "sinal de contradição", porque revelará os pensamentos dos corações (cf. *Lc 2,29-35*). No Oriente esta festa era chamada Hypapante, festa do encontro: com efeito, Simeão e Ana, que encontram Jesus no Templo e reconhecem n'Ele o Messias tão esperado, representam a humanidade que encontra o seu Senhor na Igreja. Sucessivamente, esta festa expandiu-se também ao Ocidente, desenvolvendo sobretudo o símbolo da luz, e a procissão com as velas, que deu origem à palavra "Candelora". Com este sinal visível pretende-se significar que a Igreja encontra na fé Aquele que é "a luz dos homens" e acolhe-o com todo o arrebatamento da sua fé para levar esta "luz" ao mundo.

Em concomitância com esta festa litúrgica, o Venerável João Paulo II, a partir de 1997, quis que fosse celebrado em toda a Igreja um *Dia Especial da Vida Consagrada*. Com efeito, a oblação do Filho de Deus – simbolizada pela sua apresentação no Templo – é modelo para cada homem e mulher que consagra toda a própria vida ao Senhor. Tríplice é a finalidade deste Dia: antes de tudo, louvar e agradecer ao Senhor pelo dom da vida consagrada; em segundo lugar, promover o seu conhecimento e a estima por parte de todo o Povo de Deus; por fim, convidar quantos dedicaram plenamente a própria vida à causa do Evangelho, a celebrar as maravilhas que o Senhor realizou neles. Ao agradecer-vos por terdes vindo aqui tão numerosos, neste dia a vós particularmente dedicado, desejo saudar com grande afeto cada um de vós: religiosos, religiosas e pessoas consagradas, expressando-vos cordial proximidade e vivo apreço pelo bem que realizais ao serviço do Povo de Deus.

A breve leitura tirada da Carta aos Hebreus, que há pouco foi proclamada, une bem os motivos que estão na origem desta significativa e bonita celebração e oferece-nos alguns temas de reflexão. Este texto – trata-se de dois versículos, mas muito densos – abre a segunda parte da Carta aos Hebreus, introduzindo o tema central de Cristo sumo sacerdote. Verdadeiramente seria necessário considerar também o versículo imediatamente precedente, que diz: "Tendo, pois, um Sumo Sacerdote que penetrou nos Céus, Jesus, o Filho de Deus, conservemos firme a fé que professamos" (*Hb 4,14*). Este versículo mostra Jesus que sobe para o Pai; o seguinte apresenta-o enquanto desce em direção aos homens. Cristo é apresentado como o Mediador: é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, por isso pertence realmente ao mundo divino e ao humano.

Na realidade, é precisamente e só a partir desta fé, desta profissão de fé em Jesus Cristo, o Mediador único e definitivo, que tem sentido uma vida consagrada na Igreja, uma vida consagrada a Deus mediante Cristo. Só tem sentido se Ele é verdadeira-

mente mediador entre Deus e nós, de outro modo tratar-se-ia apenas de uma forma de sublimação ou de evasão. Se Cristo não fosse verdadeiramente Deus, e não fosse, ao mesmo tempo, plenamente homem, faltaria o fundamento da vida cristã como tal mas, de modo totalmente particular, faltaria o fundamento de qualquer consagração cristã do homem e da mulher. De fato, a vida consagrada testemunha e exprime de modo "forte" precisamente o recíproco procurar-se de Deus e do homem, o amor que os atrai; a pessoa consagrada, pelo próprio fato de existir, representa como que uma "ponte" rumo a Deus para quantos a encontram, uma chamada, um reenvio. E tudo isto em virtude da mediação de Jesus Cristo, o Consagrado do Pai. O fundamento é Ele! Ele, que partilhou a nossa fragilidade, para que pudéssemos participar da sua natureza divina.

O nosso texto insiste, mais do que sobre a fé, sobre a "confiança" com a qual podemos aproximar-nos do "trono da graça", dado que o nosso sumo sacerdote foi Ele mesmo "posto à prova em todas as coisas como nós". Podemos aproximar-nos para "receber misericórdia", "encontrar graça", e para "ser ajudados no momento oportuno". Parece-me que estas palavras contenham uma grande verdade e ao mesmo tempo um grande conforto para nós que recebemos o dom e o compromisso de uma especial consagração na Igreja. Penso em particular em vós, queridas irmãs e irmãos. Vós aproximastes-vos com plena confiança do "trono da graça" que é Cristo, da sua Cruz, do seu Coração, da sua divina presença na Eucaristia. Cada um de vós se aproximou d'Ele como da fonte do Amor puro e fiel, um Amor tão grande e belo que merece tudo, aliás, mais que o nosso tudo, porque não é suficiente uma vida inteira para retribuir o que Cristo é e o que fez por nós. Mas vós aproximastes-vos, e todos os dias vos abeirais d'Ele, também para serdes ajudados no momento oportuno e na hora da provação.

As pessoas consagradas são chamadas de modo particular a serem testemunhas desta misericórdia do Senhor, na qual o

homem encontra a própria salvação. Elas mantêm viva a experiência do perdão de Deus, porque têm a consciência de serem pessoas salvas, de serem grandes quando se reconhecem pequenas, de se sentirem renovadas e envolvidas pela santidade de Deus quando reconhecem o próprio pecado. Por isso, também para o homem de hoje, a vida consagrada permanece uma escola privilegiada da "contrição do coração", do reconhecimento humilde da própria miséria mas, de igual modo, permanece uma escola da confiança na misericórdia de Deus, no seu amor que nunca nos abandona. Na realidade, quanto mais nos aproximamos de Deus, quanto mais nos aproximamos d'Ele, tanto mais somos úteis aos outros. As pessoas consagradas experimentam a graça, a misericórdia e o perdão de Deus não só para si, mas também para os irmãos, sendo chamadas a levar no coração e na oração as angústias e as expectativas dos homens, sobretudo dos que estão distantes de Deus. Em particular, as comunidades que vivem na clausura, com o seu compromisso específico de fidelidade no "estar com o Senhor", no "estar sob a cruz", desempenham com frequência este papel vigário, unidas ao Cristo da Paixão, assumindo sobre si os sofrimentos e as provas dos outros e oferecendo com alegria todas as coisas para a salvação do mundo.

Por fim, queridos amigos, queremos elevar ao Senhor um hino de agradecimento e de louvor pela própria vida consagrada. Se ela não existisse, como seria mais pobre o mundo! Deixando de lado as avaliações superficiais de funcionalismo, a vida consagrada é importante precisamente pelo seu ser superabundância de gratuidade e de amor, o que se torna ainda mais verdadeiro num mundo que corre o risco de ficar sufocado na vertigem do efêmero (cf. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita consecrata*, 105). A vida consagrada, ao contrário, testemunha a superabundância do amor que estimula a "perder" a própria vida, como resposta à superabundância de amor do Senhor, que foi o primeiro a "perder" a sua vida por nós. Neste momen-

to penso nas pessoas consagradas que sentem o peso da fadiga cotidiana escassa de gratificações humanas, penso nos religiosos e nas religiosas idosos, doentes, em quantos se sentem em dificuldade no seu apostolado... Nenhum deles é inútil, porque o Senhor os associa ao "trono da graça". São, ao contrário, um dom precioso para a Igreja e para o mundo, sequioso de Deus e da sua Palavra.

Cheios de confiança e de reconhecimento, renovamos portanto também nós o gesto da oferta total de nós próprios apresentando-nos no Templo. O Ano sacerdotal seja uma ulterior ocasião, para os religiosos presbíteros, para intensificar o caminho de santificação e, para todos os consagrados e consagradas, um estímulo a acompanhar e apoiar o seu ministério com uma oração fervorosa. Este ano de graça terá um momento culminante em Roma, no próximo mês de junho, no encontro internacional dos sacerdotes, para o qual convido quantos exercem o Sagrado Ministério. Aproximemo-nos do Deus três vezes Santo, para oferecer a nossa vida e a nossa missão, pessoal e comunitária, de homens e mulheres consagrados ao Reino de Deus. Cumpramos este gesto interior em profunda comunhão espiritual com a Virgem Maria: enquanto a contemplamos no ato de apresentar o Jesus Menino no Templo, veneramo-la como primeira e perfeita consagrada, levada por aquele Deus que toma nos braços; Virgem, pobre e obediente, toda dedicada a nós, porque toda de Deus. Na sua escola, e com a sua ajuda materna, renovemos o nosso "eis-me" e o nosso "fiat". Amém.

## ANEXO 3

# CARTA DO SUMO PONTÍFICE BENTO XVI PARA A PROCLAMAÇÃO DE UM ANO SACERDOTAL POR OCASIÃO DO 150º ANIVERSÁRIO DO *DIES NATALIS* DO SANTO CURA D'ARS

*Amados irmãos no sacerdócio,*

Na próxima solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, sexta-feira 19 de junho de 2009 – dia dedicado tradicionalmente à oração pela santificação do clero – tenho em mente proclamar oficialmente um “Ano Sacerdotal” por ocasião do 150.º aniversário do “*dies natalis*” de João Maria Vianney, o Santo Patrono de todos os párocos do mundo. Tal ano, que pretende contribuir para fomentar o empenho de renovação interior de todos os sacerdotes para um seu testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo, terminará na mesma solenidade de 2010. “*O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus*”: costumava dizer o Santo Cura d’Ars. Esta tocante afirmação permite-nos, antes de mais nada, evocar com ternura e gratidão o dom imenso que são os sacerdotes não só para a Igreja mas também para a própria humanidade. Penso em todos os presbíteros que propõem, humilde e quotidianamente, aos fiéis cristãos e ao mundo inteiro as palavras e os gestos de Cristo, procurando aderir a Ele com os pensamentos, a vontade, os sentimentos e o estilo de toda a sua existência. Como não sublinhar as suas fadigas apostólicas, o seu serviço incansável e escondido, a sua caridade tendencialmente universal? E que dizer da fidelidade corajosa de tantos sacerdotes que, não obstante dificuldades e incompreensões,

continuam fiéis à sua vocação: a de “amigos de Cristo”, por Ele de modo particular chamados, escolhidos e enviados?

Eu mesmo guardo ainda no coração a recordação do primeiro pároco junto de quem exerci o meu ministério de jovem sacerdote: deixou-me o exemplo de uma dedicação sem reservas ao próprio serviço sacerdotal, a ponto de encontrar a morte durante o próprio ato de levar o viático a um doente grave. Depois repasso na memória os inumeráveis irmãos que encontrei e encontro, inclusive durante as minhas viagens pastorais às diversas nações, generosamente empenhados no exercício diário do seu ministério sacerdotal. Mas a expressão utilizada pelo Santo Cura d’Ars evoca também o Coração traspassado de Cristo com a coroa de espinhos que O envolve. E isto leva o pensamento a deter-se nas inumeráveis situações de sofrimento em que se encontram imersos muitos sacerdotes, ou porque participantes da experiência humana da dor na multiplicidade das suas manifestações, ou porque incompreendidos pelos próprios destinatários do seu ministério: como não recordar tantos sacerdotes ofendidos na sua dignidade, impedidos na sua missão e, às vezes, mesmo perseguidos até ao supremo testemunho do sangue?

Infelizmente existem também situações, nunca suficientemente deploradas, em que é a própria Igreja a sofrer pela infidelidade de alguns dos seus ministros. Daí advém então para o mundo motivo de escândalo e de repulsa. O máximo que a Igreja pode recavar de tais casos não é tanto a acintosa relevação das fraquezas dos seus ministros, como sobretudo uma renovada e consoladora consciência da grandeza do dom de Deus, concretizado em figuras esplêndidas de generosos pastores, de religiosos inflamados de amor por Deus e pelas almas, de diretores espirituais esclarecidos e pacientes. A este respeito, os ensinamentos e exemplos de S. João Maria Vianney podem oferecer a todos um significativo ponto de referência. O Cura d’Ars era humilíssimo, mas consciente de ser, enquanto padre, um dom imenso para o seu povo: “Um bom pastor, um pastor

segundo o coração de Deus, é o maior tesouro que o bom Deus pode conceder a uma paróquia e um dos dons mais preciosos da misericórdia divina”. Falava do sacerdócio como se não conseguisse alcançar plenamente a grandeza do *dom* e da *tarefa* confiados a uma criatura humana: “Oh como é grande o padre! (...) Se lhe fosse dado compreender-se a si mesmo, morreria. (...) Deus obedece-lhe: ele pronuncia duas palavras e, à sua voz, Nosso Senhor desce do céu e encerra-se numa pequena hóstia”. E, ao explicar aos seus fiéis a importância dos sacramentos, dizia: “Sem o sacramento da Ordem, não teríamos o Senhor. Quem O colocou ali naquele sacrário? O sacerdote. Quem acolheu a vossa alma no primeiro momento do ingresso na vida? O sacerdote. Quem a alimenta para lhe dar a força de realizar a sua peregrinação? O sacerdote. Quem a há de preparar para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E se esta alma chega a morrer [pelo pecado], quem a ressuscitará, quem lhe restituirá a serenidade e a paz? Ainda o sacerdote. (...) Depois de Deus, o sacerdote é tudo! (...) Ele próprio não se entenderá bem a si mesmo, senão no céu”. Estas afirmações, nascidas do coração sacerdotal daquele santo pároco, podem parecer excessivas. Nelas, porém, revela-se a sublime consideração em que ele tinha o sacramento do sacerdócio. Parecia subjugado por uma sensação de responsabilidade sem fim: “Se compreendêssemos bem o que um padre é sobre a terra, morreríamos: não de susto, mas de amor. (...) Sem o padre, a morte e a paixão de Nosso Senhor não teria servido para nada. É o padre que continua a obra da Redenção sobre a terra (...) Que aproveitaria termos uma casa cheia de ouro, senão houvesse ninguém para nos abrir a porta? O padre possui a chave dos tesouros celestes: é ele que abre a porta; é o ecônomo do bom Deus; o administrador dos seus bens (...) Deixai uma paróquia durante vinte anos sem padre, e lá adorar-se-ão as bestas. (...) O padre não é padre para si mesmo, é-o para vós”.

Tinha chegado a Ars, uma pequena aldeia com 230 habitantes, precavido pelo Bispo de que iria encontrar uma situação religiosamente precária: “Naquela paróquia, não há muito amor de Deus; infundi-lo-eis vós”. Por conseguinte, achava-se plenamente consciente de que devia ir para lá a fim de encarnar a presença de Cristo, testemunhando a sua ternura salvífica: “[Meu Deus], concedei-me a conversão da minha paróquia; aceito sofrer tudo aquilo que quiserdes por todo o tempo da minha vida!”: foi com esta oração que começou a sua missão. E, à conversão da sua paróquia, dedicou-se o Santo Cura com todas as suas energias, pondo no cume de cada uma das suas ideias a formação cristã do povo a ele confiado. Amados irmãos no sacerdócio, peçamos ao Senhor Jesus a graça de podermos também nós assimilar o método pastoral de S. João Maria Vianney. A primeira coisa que devemos aprender é a sua total identificação com o próprio ministério. Em Jesus, temos a coincidir Pessoa e Missão: toda a sua ação salvífica era e é expressão do seu “Eu filial” que, desde toda a eternidade, está diante do Pai em atitude de amorosa submissão à sua vontade. Com modesta mas verdadeira analogia, também o sacerdote deve ansiar por esta identificação. Não se trata, certamente, de esquecer que a eficácia substancial do ministério permanece independentemente da santidade do ministro; mas também não se pode deixar de ter em conta a extraordinária frutificação gerada do encontro entre a santidade objetiva do ministério e a subjetiva do ministro. O Cura d’Ars principiou imediatamente este humilde e paciente trabalho de harmonização entre a sua vida de ministro e a santidade do ministério que lhe estava confiado, decidindo “habitar”, mesmo materialmente, na sua igreja paroquial: “Logo que chegou, escolheu a igreja por sua habitação. (...) Entrava na igreja antes da aurora e não saía de lá senão à tardinha depois do *Angelus*. Quando precisavam dele, deviam procurá-lo lá”: lê-se na primeira biografia.

O exagero devoto do pio hagiógrafo não deve fazer-nos esquecer o fato de que o Santo Cura soube também “habitar” ativamente em todo o território da sua paróquia: visitava sistematicamente os doentes e as famílias; organizava missões populares e festas dos Santos Patronos; recolhia e administrava dinheiro para as suas obras sócio-caritativas e missionárias; embelezava a sua igreja e dotava-a de alfaias sagradas; ocupava-se das órfãs da “*Providence*” (um instituto fundado por ele) e das suas educadoras; tinha a peito a instrução das crianças; fundava confrarias e chamava os leigos para colaborar com ele.

O seu exemplo induz-me a evidenciar os espaços de colaboração que é imperioso estender cada vez mais aos fiéis leigos, com os quais os presbíteros formam um único povo sacerdotal e no meio dos quais, em virtude do sacerdócio ministerial, se encontram “para os levar todos à unidade, “amando-se uns aos outros com caridade fraterna, e tendo os outros por mais dignos” (*Rm 12, 10*)”. Neste contexto, há que recordar o caloroso e encorajador convite feito pelo Concílio Vaticano II aos presbíteros para que “reconheçam e promovam sinceramente a dignidade e participação própria dos leigos na missão da Igreja. Estejam dispostos a ouvir os leigos, tendo fraternalmente em conta os seus desejos, reconhecendo a experiência e competência deles nos diversos campos da atividade humana, para que, juntamente com eles, saibam reconhecer os sinais dos tempos”.

O Santo Cura ensinava os seus paroquianos sobretudo com o testemunho da vida. Pelo seu exemplo, os fiéis aprendiam a rezar, detendo-se de bom grado diante do sacrário para uma visita a Jesus Eucaristia. “Para rezar bem – explicava-lhes o Cura –, não há necessidade de falar muito. Sabe-se que Jesus está ali, no tabernáculo sagrado: abramos-Lhe o nosso coração, alegremo-nos pela sua presença sagrada. Esta é a melhor oração”. E exortava: “Vinde à comunhão, meus irmãos, vinde a Jesus. Vinde viver d’Ele para poderdes viver com Ele”. “É verdade que não sois dignos, mas *tendes necessidade!*” Esta educação dos fiéis

para a presença eucarística e para a comunhão adquiria uma eficácia muito particular, quando o viam celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Quem ao mesmo assistia afirmava que “não era possível encontrar uma figura que exprimisse melhor a adoração. (...) Contemplava a Hóstia amorosamente”. Dizia ele: “Todas as boas obras reunidas não igualam o valor do sacrifício da Missa, porque aquelas são obra de homens, enquanto a Santa Missa é obra de Deus”. Estava convencido de que todo o fervor da vida de um padre dependia da Missa: “A causa do relaxamento do sacerdote é porque não presta atenção à Missa! Meu Deus, como é de lamentar um padre que celebra [a Missa] como se fizesse um coisa ordinária!”. E, ao celebrar, tinha tomado o costume de oferecer sempre também o sacrifício da sua própria vida: “Como faz bem um padre oferecer-se em sacrifício a Deus todas as manhãs!”.

Esta sintonia pessoal com o Sacrifício da Cruz levava-o – por um único movimento interior – do altar ao confessionário. Os sacerdotes não deveriam jamais resignar-se a ver os seus confessionários desertos, nem limitar-se a constatar o menosprezo dos fiéis por este sacramento. Na França, no tempo do Santo Cura d’Ars, a confissão não era mais fácil nem mais frequente do que nos nossos dias, pois a tormenta revolucionária tinha longamente sufocado a prática religiosa. Mas ele procurou de todos os modos, com a pregação e o conselho persuasivo, fazer os seus paroquianos redescobrirem o significado e a beleza da Penitência sacramental, apresentando-a como uma exigência íntima da Presença eucarística. Pôde assim dar início a um *círculo virtuoso*. Com as longas permanências na igreja junto do sacrário, fez com que os fiéis comesçassem a imitá-lo, indo até lá visitar Jesus, e ao mesmo tempo estivessem seguros de que lá encontrariam o seu pároco, disponível para os ouvir e perdoar. Em seguida, a multidão crescente dos penitentes, provenientes de toda a França, haveria de o reter no confessionário até 16 horas por dia. Dizia-se então que Ars se tinha tornado “o grande

hospital das almas". "A graça que ele obtinha [para a conversão dos pecadores] era tão forte que aquela ia procurá-los sem lhes deixar um momento de trégua!": diz o primeiro biógrafo. E assim o pensava o Santo Cura d'Ars, quando afirmava: "Não é o pecador que regressa a Deus para Lhe pedir perdão, mas é o próprio Deus que corre atrás do pecador e o faz voltar para Ele". "Este bom Salvador é tão cheio de amor que nos procura por todo o lado".

Todos nós, sacerdotes, deveríamos sentir que nos tocam pessoalmente estas palavras que ele colocava na boca de Cristo: "Encarregarei os meus ministros de anunciar aos pecadores que estou sempre pronto a recebê-los, que a minha misericórdia é infinita". Do Santo Cura d'Ars, nós, sacerdotes, podemos aprender não só uma inexaurível confiança no sacramento da Penitência que nos instigue a colocá-lo no centro das nossas preocupações pastorais, mas também o método do "diálogo de salvação" que nele se deve realizar. O Cura d'Ars tinha maneiras diversas de comportar-se segundo os vários penitentes. Quem vinha ao seu confessionário atraído por uma íntima e humilde necessidade do perdão de Deus, encontrava nele o encorajamento para mergulhar na "torrente da misericórdia divina" que, no seu ímpeto, tudo arrasta e depura. E se aparecia alguém angustiado com o pensamento da sua debilidade e inconstância, temeroso por futuras quedas, o Cura d'Ars revelava-lhe o segredo de Deus com um discurso de comovente beleza: "O bom Deus sabe tudo. Ainda antes de vos confessardes, já sabe que voltareis a pecar e todavia perdoa-vos. Como é grande o amor do nosso Deus, *que vai até ao ponto de esquecer voluntariamente o futuro*, só para poder perdoar-nos!" Diversamente, a quem se acusava de forma tibia e quase indiferente, expunha, através das suas próprias lágrimas, a séria e dolorosa evidência de quão "abominável" fosse aquele comportamento. "Choro, porque vós não chorais": exclamava ele. "Se ao menos o Senhor não fosse assim tão bom! Mas é assim bom! Só um bárbaro poderia

comportar-se assim diante de um Pai tão bom!”. Fazia brotar o arrependimento no coração dos tíbios, forçando-os a verem com os próprios olhos o sofrimento de Deus, causado pelos pecados, quase “encarnado” no rosto do padre que os atendia de confissão. Entretanto a quem se apresentava já desejoso e capaz de uma vida espiritual mais profunda, abria-lhe de par em par as profundidades do amor, explicando a inexprimível beleza de poder viver unidos a Deus e na sua presença: “Tudo sob o olhar de Deus, tudo com Deus, tudo para agradar a Deus. (...) Como é belo!” E ensinava-lhes a rezar assim: “Meu Deus, dai-me a graça de Vos amar tanto quanto é possível que eu Vos ame!”.

No seu tempo, o Cura d’Ars soube transformar o coração e a vida de muitas pessoas, porque conseguiu fazer-lhes sentir o amor misericordioso do Senhor. Também hoje é urgente igual anúncio e testemunho da verdade do Amor: *Deus caritas est* (1Jo 4,8). Com a Palavra e os Sacramentos do seu Jesus, João Maria Vianney sabia instruir o seu povo, ainda que frequentemente suspirava convencido da sua pessoal inaptidão a ponto de ter desejado diversas vezes subtrair-se às responsabilidades do ministério paroquial de que se sentia indigno. Mas, com exemplar obediência, ficou sempre no seu lugar, porque consumia a paixão apostólica pela salvação das almas. Procurava aderir totalmente à própria vocação e missão por meio de uma severa ascese: “Para nós, párocos, a grande desdita – deplorava o Santo – é entorpecer-se a alma”, entendendo, com isso, o perigo de o pastor se habituar ao estado de pecado ou de indiferença em que vivem muitas das suas ovelhas. Com vigílias e jejuns, punha freio ao corpo, para evitar que opusesse resistência à sua alma sacerdotal. E não se esquivava a mortificar-se a si mesmo para bem das almas que lhe estavam confiadas e para contribuir para a expiação dos muitos pecados ouvidos em confissão. Explicava a um colega sacerdote: “Dir-vos-ei qual é a minha receita: dou aos pecadores uma penitência pequena e o resto faço-o eu no lugar deles”. Independentemente das peni-

tências concretas a que se sujeitava o Cura d' Ars, continua válido para todos o núcleo do seu ensinamento: as almas custam o sangue de Cristo e o sacerdote não pode dedicar-se à sua salvação se se recusa a contribuir com a sua parte para o "alto preço" da redenção.

No mundo atual, não menos do que nos tempos difíceis do Cura d' Ars, é preciso que os presbíteros, na sua vida e ação, se distingam por *um vigoroso testemunho evangélico*. Observou, justamente, Paulo VI que "o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas". Para que não se forme um vazio existencial em nós e fique comprometida a eficácia do nosso ministério, é preciso não cessar de nos interrogarmos: "Somos verdadeiramente permeados pela Palavra de Deus? É verdade que esta é o alimento de que vivemos, mais de que o sejam o pão e as coisas deste mundo? Conhecemo-la verdadeiramente? Amamo-la? De tal modo nos ocupamos interiormente desta palavra, que a mesma dá realmente um timbre à nossa vida e forma o nosso pensamento?" Assim como Jesus chamou os Doze para estarem com Ele (*cf. Mc 3, 14*) e só depois é que os enviou a pregar, assim também nos nossos dias os sacerdotes são chamados a assimilar aquele "novo estilo de vida" que foi inaugurado pelo Senhor Jesus e assumido pelos Apóstolos.

Foi precisamente a adesão sem reservas a este "novo estilo de vida" que caracterizou o trabalho ministerial do Cura d' Ars. O Papa João XXIII, na carta encíclica *Sacerdotii nostri primordia* - publicada em 1959, centenário da morte de S. João Maria Vianney -, apresentava a sua fisionomia ascética referindo-se de modo especial ao tema dos "três conselhos evangélicos", considerados necessários também para os presbíteros: "Embora, para alcançar esta santidade de vida, não seja imposta ao sacerdote como própria do estado clerical a prática dos conselhos evangélicos, entretanto esta representa para ele, como para to-

dos os discípulos do Senhor, o caminho regular da santificação cristã". O Cura d'Ars soube viver os "conselhos evangélicos" segundo modalidades apropriadas à sua condição de presbítero. Com efeito, a sua *pobreza* não foi a mesma de um religioso ou de um monge, mas a requerida a um padre: embora manejas-se com muito dinheiro (dado que os peregrinos mais abonados não deixavam de se interessar pelas suas obras sócio-caritativas), sabia que tudo era dado para a sua igreja, os seus pobres, os seus órfãos, as meninas da sua "*Providence*", as suas famílias mais indigentes. Por isso, ele "era rico para dar aos outros e era muito pobre para si mesmo". Explicava: "O meu segredo é simples: dar tudo e não guardar nada". Quando se encontrava com as mãos vazias, dizia contente aos pobres que se lhe dirigiam: "Hoje sou pobre como vós, sou um dos vossos". Deste modo pôde, ao fim da vida, afirmar com absoluta serenidade: "Não tenho mais nada. Agora o bom Deus pode chamar-me quando quiser!". Também a sua *castidade* era aquela que se requeria a um padre para o seu ministério. Pode-se dizer que era a castidade conveniente a quem deve habitualmente tocar a Eucaristia e que habitualmente a fixa com todo o entusiasmo do coração e com o mesmo entusiasmo a dá aos seus fiéis. Dele se dizia que "a castidade brilhava no seu olhar", e os fiéis apercebiam-se disso quando ele se voltava para o sacrário fixando-o com os olhos de um enamorado. Também a *obediência* de S. João Maria Vianney foi toda encarnada na dolorosa adesão às exigências diárias do seu ministério. É sabido como o atormentava o pensamento da sua própria inaptidão para o ministério paroquial e o desejo que tinha de fugir "para chorar a sua pobre vida, na solidão". Somente a obediência e a paixão pelas almas conseguiram convencê-lo a continuar no seu lugar. A si próprio e aos seus fiéis explicava: "Não há duas maneiras boas de servir a Deus. Há apenas uma: servi-Lo como Ele quer ser servido". A regra de ouro para levar uma vida obediente parecia-lhe ser esta: "Fazer só aquilo que pode ser oferecido ao bom Deus".

No contexto da espiritualidade alimentada pela prática dos conselhos evangélicos, aproveito para dirigir aos sacerdotes, neste Ano a eles dedicado, um convite particular para saberem acolher a nova primavera que, em nossos dias, o Espírito está a suscitar na Igreja, através nomeadamente dos Movimentos Eclesiais e das novas Comunidades. “O Espírito é multiforme nos seus dons. (...) Ele sopra onde quer. E fá-lo de maneira inesperada, em lugares imprevisos e segundo formas precedentemente inimagináveis (...); mas demonstra-nos também que Ele age em vista do único Corpo e na unidade do único Corpo”. A propósito disto, vale a indicação do decreto *Presbyterorum ordinis*: “Sabendo discernir se os espíritos vêm de Deus, [os presbíteros] perscrutem com o sentido da fé, reconheçam com alegria e promovam com diligência os multiformes carismas dos leigos, tanto os mais modestos como os mais altos”. Estes dons, que impelem não poucos para uma vida espiritual mais elevada, podem ser de proveito não só para os fiéis leigos mas também para os próprios ministros. Com efeito, da comunhão entre ministros ordenados e carismas pode brotar “um válido impulso para um renovado compromisso da Igreja no anúncio e no testemunho do Evangelho da esperança e da caridade em todos os recantos do mundo”. Queria ainda acrescentar, apoiado na exortação apostólica *Pastores dabo vobis* do Papa João Paulo II que o ministério ordenado tem uma radical “*forma comunitária*” e pode ser cumprido apenas na comunhão dos presbíteros com o seu Bispo. É preciso que esta comunhão entre os sacerdotes e com o respectivo Bispo, baseada no sacramento da Ordem e manifestada na concelebração eucarística, se traduza nas diversas formas concretas de uma fraternidade sacerdotal efetiva e afetiva. Só deste modo é que os sacerdotes poderão viver em plenitude o dom do celibato e serão capazes de fazer florir comunidades cristãs onde se renovem os prodígios da primeira pregação do Evangelho.

O Ano Paulino, que está a chegar ao fim, encaminha o nosso pensamento também para o Apóstolo das nações, em quem

refulge aos nossos olhos um modelo esplêndido de sacerdote, totalmente “doado” ao seu ministério. “O amor de Cristo nos impele – escrevia ele –, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram” (2Cor 5,14). E acrescenta: Ele “morreu por todos, para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5, 15). Que programa melhor do que este poderia ser proposto a um sacerdote empenhado a avançar pela estrada da perfeição cristã?

Amados sacerdotes, a celebração dos cento e cinquenta anos da morte de S. João Maria Vianney (1859) segue-se imediatamente às celebrações há pouco encerradas dos cento e cinquenta anos das aparições de Lourdes (1858). Já em 1959, o Beato João XXIII anotara: “Pouco antes que o Cura d’Ars concluísse a sua longa carreira cheia de méritos, a Virgem Imaculada aparecera, noutra região da França, a uma menina humilde e pura para lhe transmitir uma mensagem de oração e penitência, cuja imensa ressonância espiritual há um século que é bem conhecida. Na realidade, a vida do santo sacerdote, cuja comemoração celebramos, fora de antemão uma viva ilustração das grandes verdades sobrenaturais ensinadas à vidente de Massabielle. Ele próprio nutria pela Imaculada Conceição da Santíssima Virgem uma vivíssima devoção, ele que, em 1836, tinha consagrado a sua paróquia a Maria concebida sem pecado e havia de acolher com tanta fé e alegria a definição dogmática de 1854”. O Santo Cura d’Ars sempre recordava aos seus fiéis que “Jesus Cristo, depois de nos ter dado tudo aquilo que nos podia dar, quis ainda fazer-nos herdeiros de quanto Ele tem de mais precioso, ou seja, da sua Santa Mãe”.

À Virgem Santíssima entrego este Ano Sacerdotal, pedindo-Lhe para suscitar no ânimo de cada presbítero um generoso relançamento daqueles ideais de total doação a Cristo e à Igreja que inspiraram o pensamento e a ação do Santo Cura d’Ars. Com a sua fervorosa vida de oração e o seu amor apaixonado

a Jesus crucificado, João Maria Vianney alimentou a sua quotidiana doação sem reservas a Deus e à Igreja. Possa o seu exemplo suscitar nos sacerdotes aquele testemunho de unidade com o Bispo, entre eles próprios e com os leigos que é tão necessário hoje, como o foi sempre. Não obstante o mal que existe no mundo, ressoa sempre atual a palavra de Cristo aos seus apóstolos, no Cenáculo: “No mundo sofrereis tribulações. Mas tende confiança: Eu venci o mundo” (Jo 16,33). A fé no divino Mestre dá-nos a força para olhar confiadamente o futuro. Amados sacerdotes, Cristo conta convosco. A exemplo do Santo Cura d’Ars, deixai-vos conquistar por Ele e sereis também vós, no mundo atual, mensageiros de esperança, de reconciliação, de paz.

Com a minha bênção.

*Vaticano, 16 de junho de 2009.*

**BENEDICTUS PP. XVI**

## ANEXO 4

### MONS. NELSON RAFAEL COMPLETA 60 ANOS DE VIDA SACERDOTAL



1948: Goiânia foi agitada por intensa movimentação nas comunidades e paróquias, pois aconteceria aqui, no mês de junho, o Congresso Eucarístico Arquidiocesano.

Padres, religiosos, religiosas, leigos, seminaristas marcaram presença e participação intensas nas belas e solenes liturgias que ocorreram nas celebrações do Congresso.

Foi naquele contexto que eu, já na segunda série do ginásio no Seminário Santa Cruz, tomei conhecimento do grupo de seminaristas goianos que estudavam em Mariana, no Seminário Maior daquela Arquidiocese mineira, entre os quais, o então Clérigo Nelson Rafael Fleury, bem como o então Subdiácono Antonio Ribeiro de Oliveira.

Já no ano seguinte, 1949, alguns alunos do seminário de Silvânia foram enviados a Mariana para o seminário menor daquela arquidiocese. Integrando aquele grupo, tive a oportunidade de conhecer mais de perto aquela memorável turma que se tornaria, em seguida, uma extensão da minha família, meus irmãos maiores. E entre eles, também o nosso hoje festejado Mons. Nelson Rafael. Pelo fato de termos no seminário, em Silvânia, alguns alunos vindos de Pirenópolis, claro que colocavam em relevo o conterrâneo já ilustre para eles, pois em breve com a sua ordenação, seria mais um padre para o serviço de evangelização na nossa Arquidiocese.

Era possível notar logo, como cada um daquele grupo se destacava pelos seus diferentes dons e talentos. E eu, que era

apenas um apagado aluno da 3a. série ginásial, começava a observar e a apreciar, com admiração respeitosa e distante, a personalidade daquele futuro levita do Senhor, o clérigo Nelson Rafael que, depois de ordenado padre, percorreria, incansavelmente, as distâncias da então extensa arquidiocese de Goiânia, semeando generosamente o evangelho e servindo com ânimo alegre o povo de Deus.

Em 1952, Dom Emanuel decidiu trazer de volta de Mariana o grupo dos seminaristas goianos para dar início a uma aventura que teve curta duração: colocar em funcionamento, em Silvânia, o nosso seminário maior completo com a filosofia e a teologia. Naquela ocasião tive, por um ano, o jovem padre Nelson Rafael como professor de filosofia.

Já se podia admirar nele, com clareza, uma inteligência privilegiada, um habitual bom humor que atraía as pessoas deixando-as bem à vontade quando dele se acercavam. Ele irradiava uma contagiante alegria em tudo que dizia e fazia.

Com o correr dos anos, pude constatar também a sua generosidade que foi sempre uma forte marca da sua personalidade: impressionava-me a prontidão alegre com que realizava as andanças contínuas para atender comunidades, para suprir a ausência de um ou de outro padre nas paróquias da arquidiocese.

E eu, que estava lá atrás, nesta mesma estrada, sentia a importância da linguagem das atitudes dos meus irmãos maiores, que constituíam o corpo presbiteral da nossa Igreja arquidiocesana.

Constatava então no Pe. Nelson Rafael, de maneira concreta, a realização daquela exigência que o Cristo Senhor propusera no evangelho como uma condição para ser um Seu discípulo: *“Lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14)*, disponibilidade generosa e alegre para servir.

Aqueles gestos que eu ia observando nos padres idosos ou jovens daquela época, me convenciam, de maneira mais segura, da verdade contida nas preleções que recebíamos no período de formação no Seminário. De fato, anos depois, o Papa Paulo

VI assim iria se expressar: “O mundo hoje dá maior crédito às atitudes do que às palavras dos mestres, e se os escuta em suas palavras é porque vê, por detrás, suas atitudes de vida”.

Percebia já então uma verdade bíblica: como Deus distribuía por suas criaturas um sem número de dons, talentos, qualidades, não os concentrando numa só pessoa. A um, dava a disposição para tarefas que exigiam preparo físico; a outro, uma inteligência mais aguda; a outro, o dom de cantar; a um outro, a competência para liderar. Podia-se perceber como Deus concedia tais dons não como honrarias para condecorar este ou aquele, nem como bens a serem desfrutados de modo individual, mas eram dons para servir ao bem comum.

Ficava claro, então para mim, como de fato aqueles levitas do Senhor agiam com disposição de servir, sem pretensão de competir com outros, nem de buscar algum conforto pessoal. Agiam com espírito de solidariedade, de colaboração, de uma obediência adulta, madura. Penso que Deus assim dispunha as coisas para que nós, menores, que estávamos ainda num processo de formação, pudéssemos aprender que, por pequenas que fossem as qualidades que havíamos recebido, não eram elas destinadas a nós individualmente apenas, mas a todos. Eram como notas de uma partitura de uma harmoniosa sinfonia.

Pirenópolis, Orizona, Ipameri, Catalão, Itauçu, Itumbiara, Anápolis, Ouro Verde, Goiânia foram cidades marcadas pela passagem e atuação pastoral do Mons. Nelson, ao longo desses sessenta anos, nos quais deixou marcas e significativo número de bons amigos.

Enfim, a vida deu tantas voltas. E agora, permitiu a Providência Divina que neste entardecer de nossas vidas mais uma vez o atendimento à comunidade da Catedral nos colocasse um ao lado do outro. Assim, continuo a me beneficiar de sua fraterna e agradável companhia e a colher o testemunho constante de sua maturidade espiritual, de sua alegre fidelidade no incansável serviço na seara do Senhor.

Mons. Nelson agora completa 60 anos de vida sacerdotal, de vida consagrada ao nosso bom Deus. Vida doada a serviço desta Igreja goiana, motivo do nosso júbilo, louvor e gratidão a Deus de toda a nossa Arquidiocese. Ao longo destes anos, Mons. Nelson continuou a ser para mim um mestre, ainda que de modo silencioso. Dele ainda continuo aprendendo muito. Sou muitíssimo grato a Deus por este mestre, amigo, irmão e companheiro nesta já longa jornada. Parabéns, Mons. Nelson! Deus o guarde e conserve *“ad multos annos!”* Por tudo e pra sempre, obrigado, Mons. Nelson! Obrigado, meu Deus!

**Mons. Aldorando Mendes dos Santos**

Vigário Paroquial – Catedral  
12 de outubro de 2010

## ANEXO 5

### Notícia sobre o Monsenhor José de Souza Lima



Entre as comemorações festivas da Arquidiocese neste ano de 2010 está a celebração dos 60 anos de Ordenação Sacerdotal do Mons. José de Souza Lima, padre do nosso Presbitério arquidiocesano. Mons. Lima, faz algum tempo, está licenciado e reside fora da Arquidiocese, atualmente em Brasília. Por isso, talvez, ele não seja conhecido pelos nossos padres, principalmente pelos mais jovens. Queremos apresentá-lo a todos.

Nosso monsenhor nasceu em Minas Gerais, município de Lima Duarte, na zona rural, no dia 5 de maio de 1920, portanto está com 90 anos. Seus Pais foram o Dr. José Lima e Mariana de Souza Lima. O casal teve muitos filhos, entre os quais, um padre e duas irmãs religiosas. Podemos dizer que o monsenhor foi uma vocação tardia, pois só entrou para o Seminário Santo Antônio da Diocese de Juiz de Fora, com a idade de 18 anos, matriculado na 1ª série ginásial. Neste tradicional Educandário, ele fez sua formação acadêmica em 6 anos de estudos. No começo da década de 1940, o Dr. José Lima mudou-se para Goiás, indo residir no Município de Itapaci. Ao chegar, pediu ao arcebispo Dom Emanuel para receber na Arquidiocese o seu filho seminarista que estava concluindo o curso de Humanidades. Em 1945, nosso monsenhor foi para o Seminário Maior de Mariana, onde

cursou Filosofia e Teologia, fazendo parte da Colônia Goiana. Em 24 de dezembro de 1950, junto com seu colega de estudos Mons. Nelson, foi ordenado padre, na cidade de Anchieta, no Estado do Espírito Santo, pelo arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira.

A primeira missão que lhe foi outorgada na Arquidiocese foi de ecônomo e professor no Seminário Santa Cruz, em Silvânia. Ao mesmo tempo fora nomeado vigário de Orizona.

Com a criação da Arquidiocese de Goiânia e a chegada do arcebispo Dom Fernando, Mons. Lima foi designado vigário de Palmeiras com toda região adjacente. Em 1959, Dom Fernando o nomeia vigário de Itumbiara, onde realiza um trabalho admirável na revitalização da Paróquia e na criação da Diocese. Foi em Itumbiara que ele recebeu o título de monsenhor, como reconhecimento de seus méritos.

Depois da missão cumprida em Itumbiara, o monsenhor volta para Goiânia, tendo trabalhado como vigário das Paróquias de N. Sra. de Lourdes, do Bom Jesus, do Bom Pastor, na capital, e nas cidades de Vianópolis e Goianira, no interior. Por onde passava deixava sua marca em obras sociais, materiais e, principalmente, uma Comunidade viva. Mons. Lima é um Padre que qualquer um de nós, sacerdotes, gostaríamos de ser.

Depois de ter sido vigário em Goianira, em 1987, ele pediu licença para, como bom mineiro, ir curtir um pouco das Minas Gerais. Foi para Belo Horizonte, onde foi muito bem recebido pelo arcebispo, hoje cardeal, Dom Serafim. Foi nomeado vigário de Raposos, uma cidade-dormitório de Belo Horizonte. O povo de Raposos quer tanto bem ao monsenhor que costuma vir, em caravana, visitá-lo em Brasília.

De volta a Goiás, ficou em Luziânia, nas proximidades de sua família. Instalou-se num extenso bairro da periferia, onde construiu cinco excelentes capelas com instalações próprias para a pastoral. Edificou e aparelhou uma escola de Artes e Ofícios e em parceria com a Polícia e o Comércio local construiu

também um albergue noturno. Com toda essa infraestrutura o bispo de Luziânia criou uma paróquia no referido bairro.

Atualmente, com 90 anos, lutando contra a diabetes e outras mazelas próprias da velhice, mora no conjunto da Capital Federal chamado “Águas Claras”, num apartamento de uma sua parenta. É assistido por um Anjo da Guarda que se chama Lina. E é muito querido pelos moradores do edifício. Ele se queixa um pouco da ausência de seus irmãos padres e bispos....

Sancta Maria, Tu Illum Adjuva!

Quando vamos apresentar uma pessoa, costumamos fazer um extenso “*Curriculum Vitae*”, no qual colocamos suas habilitações, sua carreira científica, seus títulos e medalhas, seus cursos e diplomas...

Tratando-se do Mons. Lima, não precisamos engrandecê-lo para admirá-lo. Basta ver nele o humilde Servo do Senhor, o padre que é o “Vigário”, aquele que faz as vezes do Senhor que “passou fazendo o bem”.

*“Laudemus Viros Gloriosos”*

**Mons. Nelson Fleury**

## ANEXO 6

### Presença de Dom Antonio na Igreja do Centro-Oeste



No ano passado, 2009, tivemos oportunidade de celebrar o Jubileu de ouro Sacerdotal do Senhor Dom Antonio. Naquela oportunidade enfocamos os 12 anos de sacerdócio vividos por Dom Antonio como simples padre.

Sua Ordenação Sacerdotal foi no dia 2 de abril de 1949, na Catedral de Mariana. Quem o ordenou foi o arcebispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

Dom Antonio foi padre da Arquidiocese de Goiás por 7 anos. Ocupou funções importantes, destacando-se, principalmente, como reitor do Seminário Santa Cruz. Com a morte de Dom Emanuel, em 1955, tivemos dois anos de Sede Vacante sob a direção do vigário capitular, Dom Abel Ribeiro. Foi o tempo do ingente trabalho na criação da Arquidiocese de Goiânia e da reformulação de toda Província Eclesiástica. Nesses dois anos, o Côn. Antonio foi assessor direto do vigário capitular que governava em sintonia com o Conselho de Consultores do qual o Cônego era vice-presidente. Em 1957, é criada a Arquidiocese de Goiânia e o Côn. Antonio integra o 1º Presbitério da nova Arquidiocese. Ao chegar o 1º arcebispo de Goiânia, Dom Fernando, o nosso Côn. Antonio, com aprovação geral do clero, foi nomeado vigário geral da Arquidiocese e pároco da Catedral.

No dia 25 de agosto de 1961, foi escolhido pelo Papa João XXIII para fazer parte do Colégio Apostólico e foi nomeado bispo

titular de Arindela e auxiliar do arcebispo de Goiânia. A sua Sagração Episcopal foi realizada na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Foi a primeira cerimônia de Sagração Episcopal em nossa Catedral. O bispo sagrante foi o metropolitano Dom Fernando. Para consagrantes o Mons. Antonio escolheu dois antigos reitores de Seminários onde fizera sua formação presbiteral: Dom José Lázaro Neves, bispo de Assis-SP, antigo reitor de Mariana, e Dom Abel Ribeiro Camelo, bispo de Jataí, e antigo reitor do Seminário Santa Cruz. Também Dom Antonio quis prestar uma homenagem a Dom Abel que foi o primeiro sacerdote goiano elevado à dignidade episcopal. Dom Antonio seria o segundo presbítero goiano ordenado bispo. Muitos bispos participaram da celebração, entre eles, Dom Eugênio Sales, futuro cardeal, e Dom Helder Câmara, que foi o pregador da homilia consagratória. O governador do Estado, Mauro Borges, encabeçou a presença maciça de todas as autoridades goianas. Entre os numerosos fiéis presentes ao ato tomava destaque o simpático casal Sr. José Ribeiro e Dona Luíza, pais do neo-consagrado bispo. humildes camponeses que vieram ver de perto a exaltação do filho querido.

Dom Fernando, ao escolher seu auxiliar, usou uma sábia estratégia. Ele mesmo diz, num de seus pronunciamentos, que, ao chegar à Arquidiocese de Goiânia, “praticamente não conhecia nada e ninguém no Estado de Goiás”. Tendo ao seu lado um competente auxiliar, filho da terra e conhecedor do bom povo goiano, ele teria melhores condições de exercer o seu ministério episcopal. E foi isto que aconteceu. O sucesso do pastoreio do primeiro arcebispo de Goiânia deveu-se à competência do seu bispo auxiliar que, por 16 anos, foi um batalhador em todos os ousados empreendimentos do arcebispo. E nas horas difíceis, se tornava o Cirineu amigo para juntos carregarem a pesada cruz que é a marca de todos servos do Senhor. Durante este longo período em que foi bispo auxiliar, Dom Antonio recebeu, ainda, outras missões a ele confiadas pela Santa Sé. Assim, na vacância da Diocese de Goiás, pela morte do bispo residencial, Dom Antonio foi nomea-

do administrador apostólico, por um ano. Bem assim, por 1 ano e 3 meses, foi administrador apostólico da Diocese de Itumbiara, vacante pela transferência do seu bispo.

Da CNBB recebeu vários encargos, entre eles, o de membro da Comissão de Tradução dos Textos Litúrgicos. E foi também como titular de Arindela e Auxiliar de Goiânia, que participou da última sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, tornando-se padre conciliar do mais importante evento da Igreja no século XX.

No dia 24 de dezembro de 1975, foi eleito bispo da Diocese de Ipameri. Tomou posse no dia 14 de março de 1976. Dom Antonio ficou 10 anos como bispo diocesano de Ipameri. Logo no começo de sua ação pastoral naquela diocese do sul do Estado, na estrada entre Davinópolis e Catalão, sofreu violento desastre automobilístico que lhe causou uma forte restrição de movimento. E o Sr. Arcebispo, até hoje, se vale do auxílio de uma muleta. Como bispo de Ipameri, Dom Antonio foi presidente do Regional Centro-Oeste e membro da Comissão Permanente da CNBB.

Em 1985, foi designado arcebispo de Goiânia. Veio como metropolitano para dar continuação ao brilhante episcopado de Dom Fernando que o sagrara bispo e de quem fora auxiliar por 16 anos. Sua nomeação foi no dia 30 de outubro de 1985 e sua posse em 12 de janeiro de 1986.

Muitas e importantes realizações de caráter local e nacional aconteceram nesses 16 anos de permanência de Dom Antonio como arcebispo de Goiânia. Citamos algumas:

- a) o “Intereclesial das CEBS”, realizado em Trindade;
- b) o 1º Encontro Nacional dos movimentos eclesiais de leigos, em Goiânia;
- c) a visita do Santo Padre João Paulo II a Goiânia, no dia 15 de outubro de 1991;
- d) duas visitas ad limina do arcebispo;
- e) a criação da Diocese de Luziânia (1987) e ereção canônica da Arquidiocese e da Província Eclesiástica de Palmas (1996);
- f) a reestruturação da Universidade Católica.

Na CNBB, o Sr. Arcebispo foi membro do Conselho Fiscal; pregou o dia de recolhimento para os bispos do Brasil, reunidos na Assembleia de 2000, na Bahia; pregou o retiro espiritual para os bispos novos, da CNBB.

De 1965 a 1974, Dom Antonio foi presidente do Conselho Estadual de Educação da Secretaria da Educação de Goiás. Nesse Conselho, ele participava como representante das numerosas instituições de educação e ensino mantidas pela Igreja no Estado de Goiás. Em razão da presença marcante da Igreja Católica em todos os setores da vida pública de Goiás e do Brasil, o Sr. Arcebispo recebeu várias comendas do Poder Público: Ordem do Mérito do Trabalho, do Ministério do Trabalho; do Mérito Judiciário, do Tribunal de Justiça; do Mérito Legislativo (Medalha Pedro Ludovico), da Assembleia Legislativa; do Mérito Tiradentes, da Polícia do Estado. Outra homenagem muito querida é a de “Cidadão Honorário”. Entre outros, Dom Antonio é “Cidadão” de Silvânia, Catalão, Ipameri e Inhumas.

Ao completar 75 anos de idade, em 2001, seguindo o cânon 401§1º do Código do Direito Canônico, Dom Antonio apresentou o seu pedido de renúncia ao Santo Padre que aceitou o pedido e solicitou-lhe que continuasse como administrador da Arquidiocese até a posse do novo arcebispo. Dom Antonio recebeu “In Spiritu Fraternitatis” o seu Sucessor, o 3º arcebispo de Goiânia, Dom Washington Cruz, e lhe entregou o pastoreio da querida arquidiocese a que se dedicou com empenho, amor e carinho nestes muitos anos de vida sacerdotal e episcopal.

Agora, nas alturas de seus mais de oitenta anos, arcebispo emérito, usufruindo a solícita acolhida da simpática Comunidade da Senhora Sant’Ana de Inhumas, continua firme e dedicado ao serviço do Reino, seja no atendimento da paróquia ou nos constantes retiros e encontros para os quais é chamado de todas as partes.

*Bone Jesu, Tu Illum Adjuva!*

**Mons. Nelson Fleury**



**PUC  
GOIÁS**